

30 ANOS

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
MINAS GERAIS

ações de
EXTENSÃO

Moacyr Laterza Filho
Thiago Torres Costa Pereira (Orgs.)

Universidade do Estado de Minas Gerais | UEMG

Lavinia Rosa Rodrigues

Reitora

Thiago Torres Costa Pereira

Vice-reitor

Raoni Bonato da Rocha

Chefe de Gabinete

Fernando Antônio França Sette Pinheiro Júnior

Pró-reitor de Planejamento, Gestão e Finanças

Magda Lucia Chamon

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Michelle Gonçalves Rodrigues

Pró-reitora de Ensino

Moacyr Laterza Filho

Pró-reitor de Extensão

Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais | EDUEMG

CONSELHO EDITORIAL

Thiago Torres Costa Pereira • UEMG

Flaviane de Magalhães Barros • PUC Minas

Fuad Kyrillos Neto • UFSJ

Helena Lopes da Silva • UFMG

Amanda Tolomelli Brescia • UEMG

José Márcio Pinto de Moura Barros • UEMG • PUC Minas

Ana Lúcia Almeida Gazzola • UFMG

Thiago Torres Costa Pereira

Editor-chefe

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto

Coordenação

EXPEDIENTE

Estúdio do Texto

Hugo Lima

Leonardo Peifer de Araujo

Leandro Luiz Ferreira de Andrade

Revisão

Ana Júlia de Souza Oliveira

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto

Thales Rodrigues dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

A185 Ações de extensão / Moacyr Laterza Filho, Thiago Torres Costa Pereira (Orgs.). – Belo Horizonte : EdUEMG, 2020.
172 p. : il., fot.

Inclui bibliografia.

(Coleção 30 anos UEMG)
ISBN : 978-85-5478-032-6 (Coleção)
ISBN : 978-85-5478-035-7 (v. 3)

1. Extensão universitária. 2. Aprendizagem e construção do conhecimento. 3. Educação superior. 4. Universidade do Estado de Minas Gerais. I. Laterza Filho, Moacyr. II. Pereira, Thiago Torres Costa. III. Título.

CDU: 378(815.1)UEMG

Ficha catalográfica: Bibliotecário Daniel Henrique da Silva CRB-6/3422.

Direitos desta edição reservados à EDUEMG.

Rodovia Papa João Paulo II, 4143. Ed. Minas, 8º andar,

Cidade Administrativa, bairro Serra Verde, BH-MG. CEP: 31630-900

(31) 3916-9080 | editora@uemg.br | eduemg.uemg.br

Volume 3

Coleção 30 anos UEMG

ações de
EXTENSÃO

Moacyr Laterza Filho

Thiago Torres Costa Pereira (Orgs.)

editora | **UEMG**

Belo Horizonte, 2019

Prefácio

A missão de escrever um breve texto, que dialoga com a história da nossa universidade, pela passagem dos 30 anos de sua criação, é desafiadora e complexa, pois exige fazer escolhas. Hesito sobre quais os aspectos dessa história devem ser colocados em destaque. Tenho uma certeza: a UEMG, como uma universidade pública, procura cumprir o seu papel histórico e social, na medida em que produz conhecimento, preserva o pensamento crítico acumulado, contribui para a democratização do saber e se torna mais inclusiva.

O processo constituinte mineiro, em 1989, consagrou uma nova Constituição, contemplando, no artigo 81, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, a criação da UEMG como entidade pública sob a forma de autarquia de regime

especial. Na instalação das unidades da Universidade do Estado de Minas Gerais, ou na encampação de entidades educacionais de ensino universitário, levar-se-iam em conta, prioritariamente, regiões densamente povoadas não atendidas por ensino público superior, observada a vocação regional.

A UEMG nasce *multicampi* com a incorporação de fundações públicas, que ofereciam basicamente o ensino de graduação. Assim, a criação da UEMG foi norteadada pela premissa do máximo aproveitamento da rede de ensino superior já instalada em MG.

O processo de estruturação da UEMG revelou-se lento e complicado. As fundações precisavam ser saneadas financeiramente – o que só ocorreria após a resolução de todas as dívidas, inclusive as que dependiam de decisão judicial – para que, em seguida, pudessem ser extintas, transferindo-se, assim, para a UEMG, o patrimônio de que dispunham, bem como todos os seus funcionários, professores e discentes.

Na capital, com a aprovação da Lei nº. 11.539, de 1994, o *campus* de Belo Horizonte incorporou os cursos de quatro escolas que já pertenciam ao Estado: a Escola Guignard (criada em 1943), Escola de Artes Plásticas (atual Escola de Design) (1955), Escola de Música (1954) e o Curso de Pedagogia do IEMG (1970), atual Faculdade de Educação.

Na mesma perspectiva, em 2002 foi criado o Instituto Superior de Educação “Dona Itália Franco” em Barbacena. No

mesmo ano, a UEMG, em convênio com a Autarquia Municipal de Ensino de Poços de Caldas, inicia a oferta do curso (fora de sede) de Pedagogia da Faculdade de Educação do Campus de Belo Horizonte. A Faculdade de Políticas Públicas Tancredo Neves foi criada em 2005, e em 2006 cria-se a Faculdade de Engenharia de João Monlevade. Ainda em 2006, a universidade se fez presente com a oferta de um curso (fora de sede) em Design, no município de Ubá. Em 2007 a Unidade da UEMG em Frutal foi estadualizada, e, em 2011, a Unidade de Leopoldina foi inaugurada.

A partir de 2013, a UEMG retoma um novo processo de expansão com o início da incorporação dos cursos oferecidos por seis fundações associadas do interior do Estado, com sedes em Campanha (criada em 1966), Carangola (1970), Diamantina (1968), Divinópolis (1964), Ituiutaba (criada em 1963, mas com oferecimento de cursos superiores a partir de 1970) e Passos (1965). Também em 2013, foram incorporados os cursos mantidos pela Fundação Helena Antipoff, que são vinculados ao Instituto de Educação Superior Anísio Teixeira, em Ibirité, e que eram oferecidos desde 2001.

Em 2017, foi aprovada pelo Conselho Universitário a transformação, em Unidade Acadêmica, do curso fora de sede, em Poços de Caldas, que foi desvinculado da FaE/CBH. Duas outras unidades passaram por processo semelhante no mesmo ano: os cursos de Abaeté (2002) e de Cláudio (2001), que foram desvinculados da unidade de Divinópolis.

Em dezembro de 2018, a Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais aprova a legislação que autoriza o Governo do Estado a assumir o passivo das fundações, bem como a transferência de bens para a UEMG (29 anos depois da criação da Constituição Estadual) – situação que foi acolhida e está sendo implementada pela Secretaria de Estado da Fazenda, com acompanhamento da Controladoria Geral do Estado e da Advocacia Geral do Estado.

Hoje a Universidade do Estado de Minas Gerais beneficia mais de 20.000 (vinte mil) estudantes, dos quais cerca de 70% vêm de escolas públicas. Nesse sentido, a UEMG representa, em algumas regiões, a única possibilidade de acesso à universidade pública para as parcelas mais desfavorecidas da população. Distribuída em 16 municípios mineiros, do Alto Jequitinhonha ao Sul de Minas, a importância regional de suas unidades lhe confere uma capilaridade que nenhuma outra universidade no Estado possui.

Em 2019, ao celebrar 30 anos de existência, a UEMG mantém viva a memória de sua trajetória e reafirma seu compromisso com a produção de saberes que venham a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e solidária. Atualmente, é a terceira maior universidade pública do Estado, oferecendo diversos cursos de graduação e pós-graduação.

Nesse contexto, a publicação da Coleção Comemorativa dos 30 anos da UEMG é orientada por duas vertentes: um olhar para o passado, por meio da reconstrução da memória da Universidade, com seu papel histórico expressivo no

cenário mineiro, e um olhar em direção ao futuro, acenando para os desafios inerentes à oferta de um ensino superior público de qualidade, gratuito e plural.

Nos limites de sua missão e de sua esfera de atuação, a UEMG assume para si a responsabilidade de ser um agente integrador dos valores de cada região, procurando compartilhar, com outras instituições e com a sociedade, sua meta de entrelaçar, de modo mais fecundo e produtivo, as diversas Minas Gerais.

Dessa forma, por acreditarmos que a universidade pública é fundamental para o desenvolvimento e a integração dos setores da sociedade e das regiões do Estado, seguiremos promovendo o ensino, a pesquisa e a extensão de qualidade. O povo mineiro é a principal garantia desse compromisso, e é para ele que apresentamos esta Coleção.

Lavínia Rosa Rodrigues

Reitora

Apresentação

É já relativamente corriqueiro ouvir-se dizer que o conhecimento universitário é construído sobre três pilares fundamentais: ensino, pesquisa e extensão. Se isso tem realmente uma grande parcela de verdade, é, no entanto, insuficiente para definir as especificidades daquilo que é produzido pela Universidade: a distinção quase pedagógica desses três pilares pode soar como uma tripartição segmentada de ações e práticas distintas que subsidiam, cada uma à sua maneira, o próprio conhecimento universitário. Na realidade, a desejável indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão faz, dos três, muito mais que pilares: faz-lhes dimensões. Nesse sentido, muda-se a perspectiva: ao invés de se perceber, fragmentariamente, o conhecimento, que a Universidade constrói, como sendo alicerçado em três pilares distintos, isolados em suas

práticas específicas, ele passa a ser percebido como uma unidade, passível de ser observado em dimensões diferentes, mas sempre em permanente contato e diálogo, gerando interferência mútua, criando um dinamismo vivo e em perpétua reelaboração.

Essa é a beleza do conhecimento universitário, sempre irrequieto e questionador, mas por isso mesmo, sempre pronto a ouvir, descobrir, divulgar o que descobriu e aplicar o que aprendeu. Portanto, mais do que interferência da Academia na Sociedade, a extensão universitária é uma das forças motrizes da própria Universidade e uma das razões de sua saudável inquietude. Na dimensão da extensão, a Universidade ouve e age, procurando mudanças e transformações balizadas no diálogo permanente com o ensino e a pesquisa.

Quanto maior for a importância da Universidade na comunidade em que se insere, maior será a importância da extensão universitária, que acolherá demandas e as reverterá em ações. Isso não apenas aproxima a Academia da Sociedade, mas transforma uma em parte da outra. Nesse sentido, a Universidade – mormente a Universidade Pública – é inegavelmente uma instituição social cujo papel estratégico de conceber, divulgar e praticar as transformações (intelectuais, técnicas, científicas, artísticas, culturais ou filosóficas) não pode ser colocado em segundo plano.

Por isso, pode-se dizer que a UEMG tem uma vocação inata para a extensão. A sua presença em diversas regiões do Estado de Minas Gerais – do Alto Jequitinhonha ao Sul de

Minas, da Zona da Mata ao Triângulo Mineiro, da Capital ao Centro-Oeste Mineiro – traz-lhe as mais diversificadas demandas, em grande parte sociais. Sem a concepção indissociável das três dimensões do conhecimento universitário (ensino, pesquisa e extensão), essas demandas ecoariam sem êxito. Mas, na extensão universitária, elas se transformam em uma epifania, na medida em que a Universidade se vê capaz de concretizar visível e palpavelmente a sua missão cidadã de transformação social.

Os exemplos de extensão contidos neste volume são apenas uma pequena amostragem dos trabalhos, projetos, ações e intervenções que a UEMG realiza em Minas Gerais. Nem todas as unidades acadêmicas puderam ser contempladas aqui, mas é importante que se diga que nenhuma delas nem nenhuma ação de extensão tem menor valor que outra. A enorme monta dessas ações, que a UEMG produz ininterruptamente desde sua criação, há trinta anos, não caberia em uma única publicação. No entanto, procuramos traçar um panorama diversificado, abordando áreas de conhecimento distintas e apresentando ações que, em sua singularidade, demonstram a relevância da UEMG em Minas Gerais.

No entanto, é bem que se diga que a extensão universitária se concretiza em ações e que essas ações nem sempre são transformadas em relatórios ou artigos, mas em produtos, eventos, interferências, intervenções, ou práticas continuadas. Estes estão presentes, difusos e ativos em todo o Estado de Minas Gerais, nas regiões onde a UEMG está...

Porque a extensão não é apenas a letra, mas a letra, a ação e a voz.

Moacyr Laterza Filho

Sumário

-
- 20** **Extensão universitária em diálogos regionais – UEMG Unidade Divinópolis**
José Vitor Vieira Salgado, Rosimeire de Freitas Santos Peixoto, Leonardo Luiz da Silva Terrezza e Maria Rosária da Cruz
-
- 36** **Extensão universitária e a construção de um conhecimento emancipador: a experiência do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho**
José Heleno Ferreira e Flávia Lemos Mota de Azevedo
-
- 60** **Protagonismo infantojuvenil no bairro Belvedere em Divinópolis**
André Amorim Martins, Raquel Viotti, Luísa Costa, Jéssica Nunes e Victor Figueiredo
-
- 80** **A trajetória do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos**
Nágela Aparecida Brandão, Gilvanice Musial, Vânia Costa, Ana Catharina Mesquita Noronha, Maria Cristina Silva, Márcia Helena Nunes Monteiro, Roberto Márcio Rezende, Walquíria Miranda Rosa e Ana Cláudia Godinho
-
- 110** **Cemitério do Bonfim: Arte, História e Educação Patrimonial: a experiência das visitas guiadas**
Marcelina das Graças de Almeida
-
- 130** **Interação de saberes na Semana UEMG**
Márcia Helena Batista Corrêa da Costa, Viviane Gontijo Augusto e Elvis Aparecido Gomes Ferreira
-
- 150** **Ecopedagogia e Ecologia Integral: Curso de Extensão**
Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho

Extensão universitária em diálogos regionais – UEMG Unidade Divinópolis

José Vitor Vieira Salgado

Rosimeire de Freitas Santos Peixoto

Leonardo Luiz da Silva Terrezza

Maria Rosária da Cruz

Introdução

A extensão universitária é compreendida como uma ação da Universidade junto à comunidade, ao território e à região que a rodeia, formando uma via de mão dupla, num perfeito movimento em que ora a Universidade produz conhecimento e a sociedade o recebe, ora a comunidade produz saberes e a Universidade os recebe (NUNES; SILVA, 2011). Assim, por meio dessa troca, torna-se possível a construção de projetos dialógicos tanto para a sociedade e para a região quanto para a Universidade.

No âmbito da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), a extensão universitária é vista como um conjunto de processos distintos que envolvem ações educativas, culturais e científicas. Geralmente, são ações multidisciplinares que, articuladas ao Ensino e à Pesquisa, produzem

conhecimento por meio de ações dirigidas a estudantes, professores, e à comunidade em geral (UEMG, 2019).

É importante ressaltar que, embora a extensão descrita neste artigo tenha como foco as ações desenvolvidas pela UEMG Unidade Divinópolis, não se deve separá-la das políticas extensionistas da Universidade como um todo e do contributo social das mesmas. Estas – as ações – sejam na Unidade de Divinópolis, ou em outra cidade, de forma significativa, contribuem para a inserção da instituição em diferentes regiões mineiras, fortalecendo seu papel social e evidenciando o seu protagonismo.

Conforme marcos regulatórios estabelecidos no Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Brasileiras (FORPROEX, 2012), a extensão é um processo educativo, cultural e científico que visa desenvolver relações entre Universidade e sociedade, objetivando a redução das desigualdades sociais, a exclusão, a troca de conhecimento e de saberes, de buscas alternativas de solução para os problemas da população que vive à margem da produção da riqueza material e cultural, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da comunidade, bem como para o bem estar social, com impacto relevante na economia local e regional. Tem como diretrizes a transformação social no ambiente e uma interação dialógica entre Universidade e comunidade.

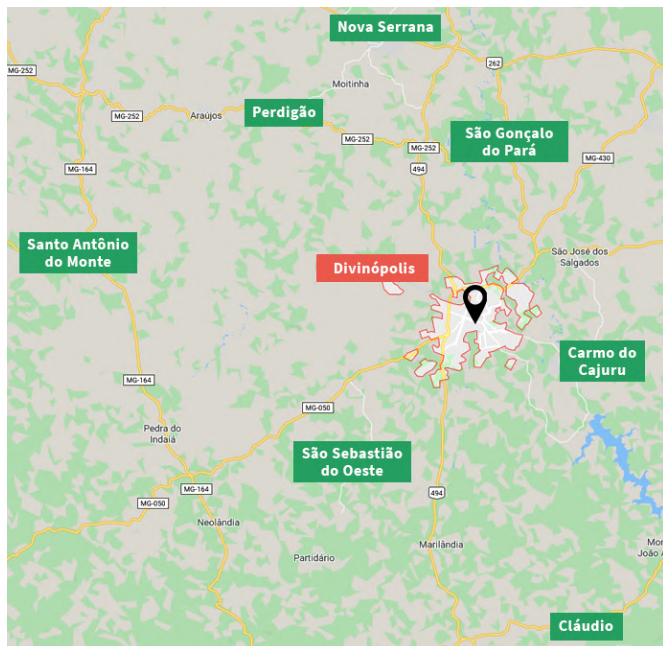
A UEMG, de acordo com seu Estatuto (UEMG, 2012), tem por finalidade o ensino, a pesquisa e a extensão, de modo a promover o desenvolvimento artístico, científico, cultural,

esportivo e tecnológico, bem como contribuir para uma consciência regional, assessorando governos municipais, grupos socioculturais e entidades representativas no planejamento e na execução de projetos específicos, além de contribuir para a melhoria dos padrões e da qualidade de vida das regiões mineiras.

Nesse sentido, é perceptível a relação complexa, indissociável e transformadora entre Universidade/Extensão e sociedade, tal como duas esferas, possibilitando que, a curto, médio e longo prazos, conversem entre si, construindo projetos, ações e programas extensionistas efetivos, que abram, de fato e de direito, as portas da Universidade para todo seu território de abrangência, para uma troca de conhecimento acadêmico e de saberes socialmente compartilhados.

Entre as ações transformadoras da extensão, preza-se pela territorialidade e regionalidade. Assim, pode-se afirmar que a UEMG Unidade Divinópolis possui uma posição estratégica no cenário geográfico, com grande capilaridade para extensão, uma vez que Divinópolis é uma cidade da mesorregião Centro-oeste mineira, com população estimada de 236.000, IDH - 0,76, localizada a 121 km da capital do estado. O município faz limite ao norte com Nova Serrana – polo calçadista de Minas Gerais – e Perdigoão; ao sul faz limite com a cidade de Cláudio, a leste com São Gonçalo do Pará e Carmo do Cajuru, dois grandes centros econômicos de doces e de móveis, respectivamente; e, a oeste, limita com São Sebastião do Oeste e Santo Antônio do Monte (IBGE, 2017) (FIGURA 1).

Figura 1: Geolocalização da cidade de Divinópolis, extraída do Google Maps



Disponível em: <<https://bit.ly/2qqWh5x>>. Acesso em: 18 out. 2019.

Na divisão dos territórios de planejamento do Governo de Minas, Divinópolis está na região Centro-oeste, formada por 56 municípios e 8 microrregiões. No circuito de roteirização turística, fez parte do Circuito de Regionalização – Verde Trilha dos Bandeirantes, certificado pelo Mapa do Turismo Brasileiro, composto por 12 cidades, e, hoje, faz parte do Circuito Campos das Vertentes, composto por 08 cidades. Na região, há duas Superintendências Regionais de Ensino, com jurisdição média de 40 cidades. Em dezembro de 2018,

por meio da Lei nº. 22.895, foi instituído o polo da Moda e da Confecção, tendo Divinópolis como município sede com outras 19 cidades, fortalecendo a cadeia produtiva do setor têxtil.

Na região, há três Academias de Letras, além de atividades extrativistas de telhas, tijolos e pedras ardósias, movimentando a economia das cidades de Igaratinga e Papagaios, além de atividades da cadeia gastronômica. Ainda, registra-se a presença de povos tradicionais indígenas, tais como o Pataxó, em Itapecerica, os Caxixós, em Martinho Campos, bem como a cultura Quilombola em Dores do Indaiá.

Na FIGURA 2, encontram-se fotografias de importantes pontos turísticos da cidade de Divinópolis.

Figura 2: Fotografias de pontos turísticos de Divinópolis



Imagens: André Camargos – Assessoria de Comunicação UEMG Divinópolis.

Diante dos dados apresentados, pode-se presumir a responsabilidade e quão atraente e desafiador é o papel da extensão, com foco na territorialidade e na regionalidade, atendendo às reais necessidades, anseios e aspirações da sociedade, ratificando a verdadeira perspectiva da extensão universitária. Assim, embora haja um modelo ainda deficitário de extensão territorial e regional, vale ressaltar que, conforme dados estatísticos obtidos no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA-UEMG), a Unidade Divinópolis é responsável pela maior parte de ações extensionistas de todas as unidades UEMG ao longo dos anos, o que a coloca na vanguarda de extensão universitária, cumprindo, parcialmente, o papel social da Instituição, numa lógica territorial e regional.

A Extensão da UEMG Unidade Divinópolis

Antes de enumerar as ações de extensão desenvolvidas pela UEMG Unidade Divinópolis entre o período de 2016 a junho de 2019, é preciso pontuar que a metodologia utilizada foi uma análise dos dados disponíveis na plataforma SIGA-UEMG, além de arquivos locais.

Vale lembrar que as ações de extensão também foram desenvolvidas anteriormente pela Fundação Educacional de Divinópolis (FUNEDI). Durante os seus 50 anos de existência, a FUNEDI elaborou diversos projetos de extensão, que tiveram significativa representatividade não só para Divinópolis, mas, também, para a região Centro-oeste mineira.

A FUNEDI participou, por exemplo, entre suas ações de extensão, da elaboração e/ou revisão dos Planos Diretores de Divinópolis e de cidades da região Centro-oeste. Também, foi protagonista da elaboração do Plano de Desenvolvimento Regional do município, contribuindo para o planejamento de políticas importantes para as cidades. Além disso, a instituição atuou em trabalhos como a revitalização das margens do Rio Itapecerica, com o desenvolvimento do projeto de extensão “Nova Margem”. Por fim, destaca-se a apresentação de programas televisivos, como o Informe FUNEDI, o Música Ambiente e o Roda de Saúde, que foram importantes meios de divulgação e discussão de assuntos socialmente relevantes.

É importante mencionar que a FUNEDI, no ano de 2014, promoveu o 10º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão/4º Seminário de bolsistas juniores, cujo tema foi “A formação universitária: transformações e desafios”. Compuseram uma das mesas do evento as professoras Maria Tereza Fonseca Dias – FUMEC e Vânia Aparecida Costa – Pró-reitora de Extensão da UEMG à época. Com apoio da FUNEDI e da Fundação Renato Azeredo (FRA). O evento contou com a apresentação de 140 trabalhos, entre pôsteres, comunicações e diversas oficinas, e foi marco institucional de migração das ações de extensão e de pesquisa para a UEMG Unidade Divinópolis.

A UEMG Unidade Divinópolis tem prestado relevante papel no desenvolvimento de projetos, cursos, eventos, programas e ações extensionistas, fortalecendo, assim, as políticas de extensão da UEMG. No ano de 2016, por

exemplo, a Unidade foi responsável pelo desenvolvimento de 351 ações de extensão, o que corresponde a 27,3% das ações extensionistas desenvolvidas em todas as unidades da UEMG. Entre essas ações desenvolvidas pela Unidade, naquele ano, incluindo cursos, eventos, programas e projetos, estão contempladas áreas como Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Cultura, Comunicação, Direitos Humanos e Justiça, Trabalho, entre outras; o que demonstra o fato de que as ações de extensão desenvolvidas pela Unidade abrangem diferentes áreas de interesse.

Em 2016, merece destaque um dos projetos de extensão desenvolvidos pelo Programa Interno de Incentivo a Projetos de Pesquisa e Extensão (PROINPE), sem fomento, sob a coordenação da professora Estela de Rezende Queiroz, a partir do projeto de extensão “Desenvolvimento de *software* e gerenciamento de almoxarifado em laboratório universitário, utilizando código QR”. Em parceria com o curso de Engenharia da Computação da Unidade, com o apoio do professor Jhonatan Fernando de Oliveira, desenvolveram o *software* ESPROQ – Estoque de Produtos Químicos, recebendo, em 2017, o certificado de patente do programa desenvolvido.

No ano de 2017, a Unidade Divinópolis ampliou o número de atividades extensionistas, ficando responsável por 30,9% das ações de extensão desenvolvidas em todas as Unidades da UEMG. Assim como no ano anterior, a Unidade atuou em áreas diversificadas, como Meio Ambiente, Educação, Saúde, Cultura, entre outras. Para a 5ª Semana

UEMG, na Unidade Divinópolis, optou-se por não ter um tema específico de forma a estimular a participação dos professores e alunos que desenvolvessem projetos de extensão e outras atividades.

No entanto, pelo fato de o 12º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unidade acontecer concomitante à 5ª Semana UEMG e, tradicionalmente, ser definido um tema de abertura para esse Seminário, foram estimuladas atividades que estivessem em sintonia com o tema proposto para essa edição: “Envelhecimento e Sociedade: Dimensões Socioculturais, Políticas e Subjetivas”. Essa proposta reforçou a relação entre a Universidade e a Sociedade, resultando em uma troca de saberes e experiências significativas para todos os envolvidos.

Ainda em 2017, inúmeras ações foram realizadas, entre elas o 19º Seminário de Pesquisa e Extensão, em três polos: Polo Regional 1, com sede em Diamantina, abrangendo alunos e pesquisadores das Unidades de Belo Horizonte, Diamantina, Ibirité e João Monlevade; Polo Regional 2, com sede em Passos abrangendo alunos e pesquisadores das Unidades de Frutal, Ituiutaba e Passos; e a UEMG Unidade Divinópolis foi sede do Polo Regional 3, abrangendo alunos e pesquisadores das Unidades de Abaeté, Barbacena, Campanha, Carangola, Cláudio, Divinópolis, Leopoldina, Poços de Caldas e Ubá.

O evento teve como objetivo divulgar, socializar e avaliar tanto a produção extensionista quanto aquela oriunda da pesquisa científica, desenvolvidas por alunos bolsistas,

docentes orientadores e colaboradores da Universidade. Também, o público externo pôde participar como ouvintes ou apresentando os resultados de pesquisas e de projetos de extensão realizados em formatos de sessões de Comunicação Coordenada e Pôsteres, além de serem oferecidas diversas atividades em eventos simultâneos, como palestras, mesas-redondas, oficinas e minicursos.

Em 2018, pelo 3º ano consecutivo, a Unidade Divinópolis continuou como protagonista na proposição de ações de extensão. A Unidade foi responsável por 21,4% das ações extensionistas de todas as Unidades da UEMG. Foram propostas 277 ações que se dividiram em eventos (84,5%), projetos (14,4%), cursos (0,7%) e programa (0,4%). Novamente, a Unidade promoveu ações nas áreas da Educação, Saúde, Meio Ambiente, Comunicação, Cultura, entre outras, fato que reforça o compromisso da Universidade com a sociedade, assim como o seu papel na discussão, reflexão e atuação em questões de interesse não apenas acadêmico, mas, também, social.

Entre as inúmeras ações de destaque na Unidade de Divinópolis, tem-se o projeto de extensão “Caminhar e correr para viver melhor”, coordenado pelo professor José Vitor Vieira Salgado, que visou proporcionar à comunidade uma oportunidade em adquirir benefícios à saúde e qualidade de vida por meio da prática orientada de treinamento aeróbico com caminhada e corrida. O projeto contou com participação multidisciplinar, unindo diversos saberes para proporcionar aos participantes uma melhoria na aptidão física, cardiorrespiratória e ajudar a prevenir

doenças cardíacas, distúrbios produzidos pelo estresse, além de contribuir no processo de equilíbrio da composição corporal, melhoria do sono, da saúde, de modo geral, adquirindo hábitos saudáveis, bem como propiciar um ambiente saudável de convívio social e intercâmbio de conhecimento.

Considerando as características e potencialidades regionais, outro ponto a considerar é a possibilidade de a UEMG Divinópolis destacar-se no Centro-oeste mineiro, visto que a cidade é protagonista no sentido de dinamizar as economias local, regional e nacional, agregando-lhes mais valor com conteúdo, conhecimento tecnológico e científico, já que a região abriga faculdades, centros tecnológicos e universidades públicas (estaduais e federais), que funcionam como catalisadoras de desenvolvimento e são capazes de gerar sinergias e oportunidades para inovação e tecnologia da região. Neste sentido, nasce a I Feira de Inovação e de Difusão do Empreendedorismo e Tecnologia do Centro-oeste de Minas (FIDETEC), objetivando promover o diálogo entre o conhecimento e a sociedade regional.

A FIDETEC foi idealizada pelo Centro Acadêmico do curso de Engenharia da Computação da UEMG Divinópolis, sob iniciativa dos alunos Alef Gonçalves Duarte e Marina Batista Souza e coordenada pelo professor Edwaldo Soares Rodrigues. Sua 1ª edição aconteceu nas dependências da instituição em outubro de 2018, com minicursos, palestras e apresentação de trabalhos, exposições de projetos relacionados à tecnologia e ao empreendedorismo; e ainda abrigou o 1º encontro de Pesquisa e Extensão da UEMG

Divinópolis; bem como o Encontro das Empresas Júniores da UEMG.

A primeira FIDETEC contou com o apoio do Circuito de Regionalização turística: Verde Trilha dos Bandeirantes, na ocasião representado pela servidora analista da UEMG Maria Rosária da Cruz, responsável por operacionalizar 13 dos 15 apoios da Feira: Prefeitura de Santa Rita do Sapucaí, Faculdade de Pará de Minas (FAPAM), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) de Nova Serrana, Divinópolis e São Gonçalo do Pará, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), CiberCode¹, Sindicato de Santa Rita do Sapucaí, Stilo Sublimação, Escritora Conceição Cruz, Prato da Casa, Master e as cidades do Circuito Verde, impactando substancialmente numa grande extensão regional e projeção do nome da UEMG Divinópolis.

No ano de 2019, ainda em curso, as ações extensionistas na Unidade Divinópolis permanecem protagonistas entre as outras unidades da UEMG. Até o presente, a Unidade desenvolveu 73 ações de extensão, o que corresponde a 13,8% das ações de extensão de toda UEMG. Foram propostos, dessa forma, 36 eventos (49, 3%) e 37 projetos extra-acadêmicos. A Unidade tem tratado de assuntos relevantes socialmente, tais como o Meio Ambiente, a Educação, a Saúde, entre outros.

1 A CiberCode Divinópolis é uma empresa que oferece cursos de programação e robótica para crianças e adolescentes.

Para a segunda edição da FIDETEC, a expectativa é de que todas suas ações sejam ampliadas, bem como apoiadores, o número de indivíduos atingidos, de forma direta ou indireta, e o número de projetos inscritos.

Salienta-se que a FIDETEC é sem fins lucrativos e com foco em ampliar nos alunos (sejam de ensino médio e superior, da UEMG e de outras instituições da região), bem como na sociedade, o desejo de inovar e desenvolver, tecnologicamente, a cidade de Divinópolis e região, visto que o ambiente universitário é, talvez, o mais propício à criação dessa cultura tecnológica, que cada vez mais se torna necessária, para todas as áreas do conhecimento. A feira é aberta aos alunos de todos os níveis de ensino e à comunidade, tornando-se um importante e relevante espaço para discussão e difusão desse tema bastante significativo e presente no cotidiano da população, potencializando a região e promovendo a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade.

Considerações finais

Embora a UEMG Unidade Divinópolis seja referência em ações, programas e atividades de extensão, no contexto da UEMG, percebe-se que muito ainda é preciso ser feito, considerando que a sociedade espera muito mais da Educação Superior, haja vista o que já foi publicado pela UNESCO, em 1988, sobre a relevância da educação superior que deve ser avaliada em termos de concordância entre o

que a sociedade espera da instituição e o que a instituição realmente faz.

Importante se faz realçar o papel da extensão na proposição de um conjunto de atividades, projetos, cursos, programas institucionais e prestação de serviços, buscando favorecer a relação dialógica não só com a comunidade local, mas com toda a região Centro-oeste mineira, ratificando a função extensionista da Universidade, por meio das Coordenações Integradas de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação (CIEPP) na Unidade de Divinópolis, impactando na qualidade de vida dos municípios.

Dessa forma, é necessário frisar o grande desafio da extensão universitária regional: de “propor um trânsito de saberes que viabiliza uma relação transformadora entre a UEMG e as diferentes regiões do Estado de Minas Gerais, onde se situam suas Unidades” (UEMG, 2019), e, ainda, que fortaleça a relação da Universidade com a sociedade e socialize seu conhecimento, disponibilizando seus serviços em consonância aos anseios sociais e que os municípios socializem seus saberes, com desdobramentos na singular missão e responsabilidade social da universidade: promover melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e de toda a região que abriga unidades da UEMG.

Referências

FORPROEX. **Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Política nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil, Minas Gerais, Divinópolis**, 2017. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/divinopolis>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira; SILVA, Maria Batista da Cruz. A extensão universitária no ensino superior. **Revista Mal-Estar e Sociedade**. Ano IV, n. 7, Barbacena, 2011.

SIGA UEMG – Sistema Integrado de Gestão Acadêmica. Disponível em: <<http://intranet.uemg.br/inicio/index.php>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

UEMG. **Estatuto da Universidade do Estado de Minas Gerais**. Texto aprovado pelo Conselho Universitário, em 2 de outubro de 2012, e pelo Decreto n. 46.352, de 25 de novembro de 2013. Disponível em: <encurtador.com.br/cdntz>. Acesso em: 27 jun. 2019.

UEMG. **Pró-reitoria de Extensão**, 2019. Disponível em: <encurtador.com.br/bptJV>. Acesso em: 18 out. 2019.

**Extensão universitária e a construção
de um conhecimento emancipador:
a experiência do Centro de Memória
Professora Batistina Corgozinho**

José Heleno Ferreira

Flávia Lemos Mota de Azevedo

1 Introdução

A extensão universitária é um campo marcado pela potencialidade e pelos desafios. Por um lado, apresenta-se como espaço de atuação da universidade junto à comunidade, o que representa possibilidades inúmeras de socialização dos saberes docentes e discentes construídos no âmbito acadêmico, além do contato com os saberes produzidos fora dele. Por outro, o trabalho extensionista pode incorrer no risco de se fazer a partir de uma concepção hierarquizada do conhecimento, considerando a comunidade e os sujeitos que a compõem como destinatários passivos do saber produzido pela academia.

Neste texto busca-se apresentar os princípios teóricos acerca da extensão universitária que orientam a atuação do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho

(UEMG Unidade Divinópolis) para, em seguida, apresentar alguns aspectos do trabalho que vem sendo realizado nos últimos anos.

2 Extensão e conhecimento emancipador

A passagem de um estado de consciência ingênua para um estado de consciência crítica exige um processo educativo. “Se não se faz este processo educativo, só se intensifica o desenvolvimento industrial ou tecnológico e a consciência sofrerá um abalo e será uma consciência fanática. Este fanatismo é próprio do homem massificado” (FREIRE, 1983, p. 39).

O que enuncia Paulo Freire, em texto escrito em 1979, data da primeira edição de “Educação e Mudança”, soa profético quando analisamos a realidade brasileira contemporânea. E tal profecia coloca, para as universidades, o desafio de construir processos de construção do conhecimento que sejam emancipadores, para além do conhecimento regulador (SANTOS, 2001) que, muitas vezes, marca o processo de produção do conhecimento das ciências e todo o fazer universitário.

No âmbito do fazer universitário, que se caracteriza pelo ensino, pesquisa e extensão, há que se afirmar o potencial do trabalho extensionista nesse processo de construção de um conhecimento emancipador, uma vez que a extensão possui características que podem contribuir para mudanças nos processos de ensinar e aprender, além de

um arsenal metodológico, que se diferencia do ensino e da pesquisa ao privilegiar o encontro entre professores, professoras, estudantes e as comunidades nas quais a instituição está inserida ou com as quais estabelece relações diversas. Os trabalhos extensionistas caracterizam-se por se constituírem nas experiências (e não nos experimentos), e ao promover o encontro entre diferentes saberes pode contribuir para a construção de um novo senso comum.

Boaventura Sousa Santos (2001) afirma que a ciência tem sido pouco cuidadosa na análise das consequências de seus atos, o que, paradoxalmente, tem ocasionado a perda da identidade e referência cultural das comunidades tradicionais, a deterioração da vida no planeta e, em última escala, colocado em risco a própria humanidade. Defende, o autor, uma epistemologia que trabalhe com a perspectiva do conhecimento emancipador ao invés do conhecimento regulador. Enquanto o segundo caracteriza-se pela ênfase no experimento e pela produção de conhecimento, a partir da realização de experiências que possibilitem um conhecimento fidedigno, o primeiro caracterizar-se-ia por uma relação sujeito-objeto que tem como base a reciprocidade. Tal princípio pressupõe o reconhecimento de diferentes saberes e a solidariedade entre os sujeitos envolvidos na produção/construção de novos saberes.

Afirma ainda o sociólogo português que a ciência moderna erigiu-se contra o senso comum e, se por um lado, tal característica contribuiu para o desenvolvimento científico, para a avanço tecnológico, por outro negou os saberes populares e impediu homens e mulheres de participarem da

construção do conhecimento “enquanto atividade cívica no desvendamento do mundo” (SANTOS, 2000, p. 224).

Os séculos XVII e XVIII trouxeram para a humanidade uma nova perspectiva: o surgimento da ciência e da “infinita” capacidade de desenvolvimento técnico-científico. Os iluministas apregoavam a possibilidade de um novo mundo, sem dores, sem miséria, sem sofrimento. O ser humano seria libertado das amarras do trabalho pesado e dedicar-se-ia à própria ilustração. Tudo isso seria possibilitado pelo desenvolvimento científico. Assim afirma o projeto político da Modernidade que, em termos epistemológicos, defendia a possibilidade de o ser humano chegar ao conhecimento objetivo, seja pela razão (o Racionalismo de Descartes), seja pela experiência (o Empirismo de Bacon). De qualquer forma, afirmava-se a possibilidade do conhecimento puro, desideologizado, dessubjetivado... Em suma: os modernos acreditavam na possibilidade de, por meio da ciência, a humanidade conhecer e dominar a natureza, utilizando-a para a promoção de uma vida melhor a todos.

O século XX, não obstante o enorme progresso técnico, as inúmeras e novas possibilidades que trouxe à humanidade, trouxe também o questionamento ao Projeto Iluminista. Diante de duas guerras mundiais, dos desastres ambientais, da fome e miséria crescentes, da bomba atômica e acidentes nucleares, como acreditar que o avanço da ciência estaria a serviço da humanidade?

Os questionamentos e as incertezas quanto aos rumos tomados pela ciência nortearam as pesquisas e os estudos das comunidades científicas durante o século XX. É nesse sentido que surgem diferentes tendências metodológicas nesse século, tais como o Empirismo Lógico, cujo principal expoente é Rudolf Carnap, e o Racionalismo Crítico, de Karl Popper. Um pouco mais tarde, T. Kuhn apresenta sua contribuição quanto à compreensão do progresso científico, em sua obra “A estrutura das revoluções científicas” (CARVALHO, 2001).

Os empiristas lógicos reafirmam que o conhecimento científico deve passar pelo crivo da experiência e que seu resultado deve ser observável e mensurável – qualidades sem as quais não seria científico. Afirmam também a necessidade de se chegar a uma linguagem universal da ciência, devendo o conhecimento ser expresso logicamente, sendo possível a todo e qualquer cientista estudá-lo e, se for o caso, perceber equívocos e lacunas...

Karl Popper e Thomas Kuhn rompem com a ideia de um conhecimento científico que seja definitivo. Ambos têm em comum a visão do conhecimento como algo provisório, transitório, que estará sempre em discussão, uma vez que não é acabado. Popper afirma que o avanço da ciência só é possível se o cientista (ou uma comunidade científica) não se prender às teorias já comprovadas e buscar negá-las. Afirmar ainda que uma teoria que não pode ser falseada é pouco informativa e, portanto, não-científica. Tem-se então que o ponto de partida do conhecimento é a teoria (não existe experiência atórica), que é percebida de

forma subjetiva. As experiências devem ser realizadas no sentido de testar a teoria e não no sentido de confirmá-la. Esse exercício possibilitaria o avanço científico, pois que o cientista não estaria preso a verdades, e sim aberto aos questionamentos da realidade e da comunidade científica às teorias apresentadas. Privilegia-se, então, o método dedutivo: a partir de uma análise do universal (da teoria), busca-se compreender o particular, a experiência sensível...

Kuhn, ao elaborar a teoria dos paradigmas científicos, afirma que uma comunidade científica trabalha com um determinado paradigma – um conjunto de valores, ideais e ideias, crenças – que norteia suas ações. Esse paradigma estaria marcado pelos aspectos históricos e psíquicos do(s) cientista(s): nada objetivo, portanto. Sua teoria denomina ciência normal o período em que uma comunidade científica trabalha com um único paradigma, aceito por todos, afirmando ainda que esse paradigma fatalmente entrará em crise quando apresentar anomalias ou não apresentar os resultados desejados. Nesse período de crise, um novo paradigma será gestado, e tem-se então a revolução... E esse círculo se repetirá indefinidamente.

A crítica que se faz, na contemporaneidade, ao conhecimento científico expressa a condenação de um modelo de ciência que, ao trilhar o caminho da dicotomia entre o desenvolvimento técnico e o desenvolvimento humanístico, perdeu a consciência, como lembra Moraes (2001): “assim foi que a ciência, a medida em que quis romper com a reflexão filosófica, perdeu, e muito, a consciência de si. E já deixou dito Montaigne que ‘Ciência sem consciência

não é mais do que a morte da alma” (p. 91). Porém, essa mesma crítica pode (e deve) ser também compreendida como uma alavanca para a construção de um novo modelo de ciência que, ao buscar o desenvolvimento tecnológico, o faça com uma clara opção pela construção de um mundo mais humano.

Buscando novamente a contribuição de Santos (2001), pode-se afirmar que os questionamentos que se faz à ciência moderna estariam no desequilíbrio entre o conhecimento como regulação e o conhecimento como emancipação. Um conhecimento que se basta a si mesmo, que, ao desencantar o mundo, tornou-o triste. Um conhecimento que não reconhece os saberes populares, os saberes tradicionais produzidos fora da academia. Em última instância, um conhecimento que quantifica a natureza e as relações humanas e avilta os princípios de solidariedade e o reconhecimento e o respeito à diversidade.

Nesse sentido, é importante também considerar a contribuição de Walter Benjamin (1980) ao analisar o empobrecimento do sujeito diante da perda da capacidade de vivenciar e narrar experiências. Diz-nos o autor que

torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos

| fosse retirada, ou seja: a de trocar experiências (BENJAMIN, 1980, p. 57).

A negação da experiência e a afirmação do experimento trazem como consequência a negação dos processos coletivos de vivência do mundo e de produção de conhecimentos fora do âmbito universitário. Afinal, a vivência e a experiência não compõem o universo científico, mas, sim, o experimento, a descoberta, a comprovação. E, assim, as práticas que se realizam fora desse universo, o científico, são categorizadas como de segunda ou terceira categoria.

O que se busca afirmar neste texto é o potencial do trabalho de extensão na superação da dicotomia entre saberes científicos e saberes populares e ou tradicionais, na ruptura com o princípio de hierarquização de diferentes saberes e diferentes culturas.

Obviamente, os desafios que se colocam à extensão universitária são muitos, uma vez que a prática extensionista pressupõe uma “postura intelectual aberta à inter e à transdisciplinaridade, que valorize o diálogo e a alteridade” (PAULA, 2013, p. 17). Para além disso a extensão universitária convoca a universidade a assumir o seu compromisso com a transformação social e a promover a socialização do conhecimento científico, reconhecendo, valorizando e divulgando também outros conhecimentos produzidos *fora de seus muros*.

Entre as experiências históricas que evidenciam de forma contundente o papel e o potencial da extensão universitária está a experiência da Universidade de Recife,

na década de 1960, através do Serviço de Extensão Universitária e do trabalho desenvolvido por Paulo Freire. O livro escrito por Freire em 1969, já no exílio no Chile, “Extensão ou Comunicação?” (1969) discute a relação entre o saber técnico-científico e as culturas populares, analisando as ações concretas de alfabetização desenvolvidas no Nordeste brasileiro e os trabalhos desenvolvidos com camponeses chilenos. O princípio do diálogo como norteador da prática educativa é afirmado, no livro em questão, pelo educador brasileiro. Mais ainda, afirma-se uma relação na qual não haja sujeitos transformados em objetos passivos para a realização da pesquisa, objetivos passivos do conhecimento de outrem, mas, sim, sujeitos construindo conhecimento. Uma prática educativa em que não haja aquele que recebe o conhecimento e outro que lhe repasse, mas, sim, a interação. Diz-nos o patrono da educação brasileira:

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. [...] O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demonstra uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e

os condicionamentos a qual está submetido seu ato. [...] Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer (FREIRE, 2010, p. 17-18).

3 A experiência do Centro de Memória

Professora Batistina Corgozinho (Cemud)

O Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho (Cemud), da UEMG Unidade Divinópolis, foi fundado no ano de 2005. Sua criação foi um desdobramento da execução do projeto financiado pela Fapemig “Uso da Tecnologia Digital, na preservação da Memória Histórico-Cultural de Divinópolis”, executado entre 2001 e 2003, a partir de uma parceria com o Arquivo Público Municipal de Divinópolis. O projeto, que contou com a colaboração de estudantes e professores e professoras de diversos cursos de graduação, como História, Ciências Sociais, Filosofia, Comunicação Social, entre outros, tinha como objetivo a digitalização e a disponibilização do acervo do Arquivo.

A partir dessa parceria, a digitalização, guarda e disponibilização do acervo documental digitalizado do Arquivo Público Municipal ficou sob responsabilidade do Cemud. Desde então, o Centro de Memória se constituiu como entidade custodiadora de acervos, cadastrada no Arquivo Nacional e no Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ)¹,

¹ Código do Cemud no CONARQ BR MGCEMUD, disponível em: <<http://conarq.arquivonacional.gov.br/consulta-a-entidades/item/centro-de-memoria-professora-batistina-corgozinho.html>>.

órgão colegiado, vinculado ao Arquivo Nacional do Ministério da Justiça e Segurança Pública, que tem, por finalidade, definir a política nacional de arquivos públicos e privados, como órgão central de um Sistema Nacional de Arquivos, bem como exercer orientação normativa visando a gestão documental e a proteção especial dos documentos de arquivo².

O acervo do Cemud é composto por arquivos digitais e físicos, recebidos através de doação. Dentre os documentos que compõem o acervo físico do Centro de Memória, podemos destacar o acervo de documentos, fotografias e objetos pessoais de pessoas que marcaram a história de Divinópolis e região, como Dr. Luís Fernandes de Sousa, Sr. José Valério, Halim Souki, Professor Henrique Galvão, Professora Batistina Maria de Sousa Corgozinho; coleção de fotografias do antigo Foto Hauf; acervo de fotos do Divinópolis Tênis Clube; diversas coleções de jornais editados em Divinópolis desde o ano de 1916 até a atualidade (o jornal franciscano “A Semana”, o jornal “Divinópolis Jornal”, “A Estrela da Oeste”, o jornal “Movimento” entre outros.); uma extensa coleção dos boletins “Conversando com os Divinopolitanos” editados por Pedro X. Gontijo, entre os anos de 1941 e 1965; grande acervo de fitas com entrevistas produzidas a partir de diversos projetos desenvolvidos em conjunto com o Cemud e, ainda, um grande acervo digitalizado.

2 Ver informações disponíveis no site: <<http://conarq.arquivonacional.gov.br/>>.

Em 2012, o projeto “EmRedes: Portal da Memória do Centro-Oeste mineiro”, que propunha a criação de um banco de dados digitais e um Portal para disponibilizar esse material ao público em geral, foi premiado pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM – Ministério da Cultura – no Edital de Seleção Pública nº. 09, de 16 de novembro de 2012, Prêmio Pontos de Memória 2012.³ Tal premiação também conferiu ao Cemud seu reconhecimento e cadastro como entidade Museológica junto ao IBRAM. Desta forma, o Centro de Memória atua em duas importantes frentes de promoção do patrimônio cultural, fazendo recolhimento, organização, higienização, digitalização, conservação e disponibilização de acervos arquivísticos e museológicos.

Tal missão institucional fez com que a equipe do Cemud desenvolvesse um calendário de eventos, consoantes com as políticas de memória e patrimônio histórico e cultural brasileiro. Assim, ele participa, anualmente, da “Semana Nacional de Museus”; “Semana Nacional de Arquivos” e “Primavera dos Museus”. Além desses eventos, realiza, a cada dois anos, desde 2006, o Seminário de História e Memória do Centro-Oeste mineiro. O seminário publica, em seus anais (indexados), desde 2016, os trabalhos completos apresentados. Além disso, em todas as edições do Seminário, há uma seleção dos melhores trabalhos para publicação em livro, tendo já publicado seis livros resultados do seminário, com artigos de mais de 90

3 Informações disponíveis em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/11/08.11-edital-reclassificacao01.pdf>> e <<http://www.museus.gov.br/fomento/editais-2012/premio-pontos-de-memoria-2012/>>.

pesquisadores, promovendo, desta forma o adensamento da produção científica sobre a região.

O Cemud também é um espaço de guarda dos acervos produzidos em projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos por professores da UEMG Unidade Divinópolis, mas, também, como um centro de desenvolvimento de projetos, proporciona oportunidades para professores e alunos (em estágios, extensão, bem como a iniciação científica) dos variados cursos existentes na Universidade. Nesse sentido, o Cemud se constitui como um arquivo permanente em constante ampliação, visto que os projetos aqui realizados acabam por produzir novas fontes documentais, em especial o registro de memória, história, tradições e patrimônio cultural, que, inclusive, podem ser utilizadas em novas pesquisas desenvolvidas pelos cursos de graduação, pós-graduação e extensão.

No desenvolvimento de suas atividades, o Centro de Memória Prof.^a Batistina Corgozinho tem se orientado pelo princípio do diálogo com as comunidades urbanas e rurais de Divinópolis e outras cidades do Centro-Oeste mineiro. Esta perspectiva se faz notar em todos trabalhos realizados pelo Cemud e, com maior ênfase, durante a realização da Semana de Museus e da Primavera de Museus, desde 2015.

As exposições organizadas pelo Centro de Memória, por ocasião desses eventos, têm se pautado pela visibilização e divulgação dos saberes comunitários. Como exemplo, podemos citar a exposição sobre a aldeia Pataxó Muã Mimatxi, localizada em Lamounier, distrito de Itapecerica/

MG, em 2015; os trabalhos sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Carmo do Cajuru, em 2016; a exposição sobre a história do Grupo Movimento – coral formado por pessoas com transtornos mentais, em 2017; o abraço ao Sobrado da Praça da Matriz e as oficinas de confecção de bandeiras nas comunidades rurais, em 2018; a exposição sobre o Congado da cidade de Bom Despacho/MG e as oficinas sobre as benzedadeiras do bairro São Roque (Divinópolis/MG), a festa de São João realizada há 38 anos por uma mesma família na Comunidade do Choro (Divinópolis/MG), a festa de Santa Cruz e o Reinado nas comunidades rurais e urbanas de Divinópolis/MG, em 2019. Das edições de 2014 a 2019, o público que visitou as exposições ultrapassou o equivalente a 10 mil pessoas (lista de presença).

A educação patrimonial é uma das tarefas que o Cemud vem assumindo nos últimos anos. Tarefa esta que vem sendo cumprida por meio da realização de oficinas de educação patrimonial com educandos(as) e educadores(as) e nas visitas guiadas ao patrimônio histórico-cultural e ambiental de Divinópolis. Na internet, através do EmRedes – Portal da Memória do Centro-Oeste Mineiro⁴ (www.emredes.org.br), disponibilizamos ao público os documentos que compõem o acervo do Cemud, do diálogo que se busca estabelecer nas redes sociais (Facebook, Instagram, Youtube), utilizando o acervo do EmRedes. Nas oficinas de educação patrimonial, o Cemud já recebeu e/ou visitou mais de 20

4 O Portal da Memória do Centro-Oeste Mineiro EmRedes foi construído a partir de um prêmio do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), concedido à equipe que o mantém e da qual faz parte o autor deste projeto de pesquisa.

escolas das redes municipais e estaduais da região (Bom Despacho, Carmo do Cajuru, Divinópolis, Itaúna, Leandro Ferreira, Maravilhas, Papagaios, São Gonçalo do Pará, São José da Varginha), com a participação de mais de 2.800 alunos da educação básica.

Tais atividades, realizadas em conjunto com a educação básica, têm o objetivo de possibilitar aos adolescentes uma reflexão acerca da história, das tradições, e do patrimônio e assim promover a construção do pertencimento à cidade e aos professores e professoras a possibilidade de problematizar o currículo e o ensino de História, incorporando à prática docente a educação patrimonial e a história regional. As visitas guiadas com crianças e adolescentes, por roteiros previamente estabelecidos, têm como princípio a apresentação da cidade – a história oficial, os apagamentos e silenciamentos da história e suas marcas nas ruas, prédios e rios. Tais atividades encantam meninos e meninas que moram na cidade, mas nem sempre a veem, que transitam por ruas e avenidas sem perceber os processos de modificação das estruturas edificadas que contam algumas histórias e silenciam outras tantas. Representam, ainda, para eles(as), a oportunidade de conhecer o centro urbano do município, suas estruturas de lazer, espaços dedicados às manifestações culturais, centros comerciais, enfim, espaços públicos, negados à grande parte do público. Problematizam a história dos bens materiais reconhecidos legalmente como patrimônio histórico-cultural e outros tantos que não têm esse reconhecimento assim como o não reconhecimento dos bens materiais das regiões em que vivem.

São infinitas as possibilidades de roteiros a serem trilhados em busca da história da cidade, uma vez que ela, a história, logicamente estará presente em todos os espaços em que estão ou estiveram presentes os seres humanos. Entre esses roteiros, destaca-se a visita ao centro antigo da cidade, começando pela Praça Dom Cristiano, seguindo para a Praça Candidés, Parque Ecológico Dr. Sebastião Gomes Guimarães, Usina Gravará e a Praça do Mercado.

Cada um desses pontos aqui elencados trazem inúmeras possibilidades de se discutir a história da cidade e dos homens e mulheres que ali viveram e vivem. Para exemplificar estas possibilidades, apresenta-se aqui o ponto inicial e o ponto final do roteiro já citado: a Praça Dom Cristiano e a Praça do Mercado.

3.1 A Praça Dom Cristiano

Na Praça Dom Cristiano, conhecida popularmente como Praça da Catedral, encontra-se a edificação mais antiga do município: o Sobrado do Largo da Catedral, que até pouco tempo abrigava o Museu Histórico de Divinópolis. Edificado em 1830, aproximadamente, o sobrado teve decretada a sua destruição na década de 1980, uma vez que o governo municipal planejava abrir, naquele espaço, uma ampla avenida. Tal destruição foi impedida pelo movimento popular que o cercou após a derrubada de uma parte do mesmo, impedindo que o maquinário da Prefeitura Municipal consolidasse o trabalho iniciado. Em 15 de dezembro de 1988, foi tombado pela Lei nº. 2.456.

O sobrado, com suas imensas vigas de madeira, seus alicerces de pedra sobre pedra, seus tijolos de adobe permitem conhecer um pouco dos processos de construção na primeira metade do século XIX. Sabe-se que o prédio foi construído com o objetivo de abrigar a família do capitão Domingos Francisco Gontijo nas suas estadias no então Arraial do Divino Espírito Santo do Itapecerica. Quem o construiu? Quem transportou as vigas de madeira e as pedras? A ausência dos nomes daqueles que o construíram é uma rica oportunidade para discutir com crianças e adolescentes os silenciamentos que compõem a História Oficial.

Nos seus quase dois séculos de existência, o Sobrado do Largo da Catedral serviu a diversas finalidades: sala de cinema, posto de saúde, escolas, cúria paroquial, convento de frades, entre outras. Dessa forma, contar a história do sobrado é também contar diferentes aspectos da história do município. Para além disso, à esquerda do prédio, temos ruas estreitas e cheias de curvas e, à sua direita, avenidas largas e retilíneas. Observar as diferenças entre os traçados das ruas, num e noutro ponto da cidade, é um exercício interessante para que as crianças e adolescentes possam perceber que a cidade, bem como tudo aquilo que a cerca, é produto da construção humana e que esta construção, em cada tempo e lugar, está marcada pelas condições objetivas daquele momento histórico, além de condicionadas pelos interesses daqueles que as produziram ou fizeram com que fossem produzidas.

3.2 A Praça do Mercado

O Mercado Municipal, construído na década de 1950, ocupa quase toda a praça que leva o seu nome. Trata-se de uma construção que, em 1957, foi saudada pelo jornal *O Globo*⁵ como uma das mais arrojadas do país. À frente do Mercado, encontra-se uma pequena capela, construída na década de 1980 (réplica da Igreja de Nossa Senhora do Rosário que ali existiu), em cujo altar lê-se uma inscrição afirmando que naquele local, desde 1850, os reinadeiros se reuniam para celebrar sua fé e reverenciar Nossa Senhora do Rosário.

A história deste ponto da cidade chama atenção, na perspectiva da educação patrimonial, exatamente pela possibilidade de discussão acerca das transformações pelas quais passam os espaços urbanos, entre outros. Antes da década de 1950, o local era ocupado pelo cemitério municipal, pelo cruzeiro e pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A destruição da Igreja, do cruzeiro e do cemitério, com o traslado dos restos mortais que lá se encontravam para o novo cemitério da cidade, deu lugar ao moderno Mercado que, posteriormente, passou por períodos de completo abandono (entre o final da década 1990 e os primeiros anos do século XXI) e desde 2016 vem sendo revitalizado como espaço comercial e de oferta de entretenimento ligada a apresentações musicais, principalmente.

5 A informação pode ser verificada no acervo do Centro de Memória Prof.^a Batistina Corgozinho (Cemud).

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário não existe mais. Por que existiu, se tão próxima à Catedral do Divino Espírito Santo, localizada na praça já descrita neste texto? Por que foi destruída? Deveria esta Igreja ter sido preservada? Por que não houve um movimento popular impedindo sua destruição, a exemplo do que houve com o Sobrado da Praça da Catedral? O que significou para a população a destruição do cemitério? Não seria possível construir o mercado noutro local?

José Saramago (1990) já nos ensinou que temos respostas demais, o que demora é o tempo das perguntas. Exatamente elas, as perguntas, orientam e enriquecem a atividade de educação patrimonial realizada em torno da Praça do Mercado, diante da presença monumental do mercado e da ausência, também monumental, da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e do Cemitério.

Não temos respostas para as perguntas que nos fazemos. Muito menos para aquelas que são feitas pelas crianças e adolescentes. Mas temos indícios, temos relatos de homens e mulheres que presenciaram a destruição do cemitério, temos a memória daqueles que ouviram de seus pais e avós as histórias do reinadeiros⁶. E temos a possibilidade de, através das perguntas, muitas delas sem respostas, discutir a história de uma perspectiva que ultrapasse a

6 No Portal EmRedes é possível encontrar uma série de documentos relacionados à questão, tais como fotos da antiga Igreja de Nossa do Rosário e do momento da destruição do cemitério, fotos da construção do Mercado Municipal, transcrição de entrevistas feitas com cidadãos divinopolitanos que presenciaram a destruição do cemitério e outros.

História Oficial, que englobe os seres humanos em seus fazeres e afazeres cotidianos, que considere o trabalho, o lazer, a celebração da fé, o culto aos mortos e todas as atividades culturais próprias dos seres humanos, por eles realizadas neste processo de se fazerem humanos.

3.3 Projetos de extensão

Desde sua constituição como centro de pesquisa e extensão, o Centro de Memória tem trabalhado também com projetos de extensão, sempre com o apoio do Programa de Apoio à Extensão (PAEX) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Como os limites deste texto não possibilitariam apresentar a extensa relação de trabalhos já desenvolvidos na última década, apresenta-se, aqui, os projetos desenvolvidos no ano de 2018:

- Projeto de Extensão “Arte e Contemporaneidade: o teatro como prática pedagógica nas escolas da educação básica”;
- Projeto de Extensão “Adolescentes, dependência química e educação: O enfrentamento da violência e da evasão escolar”;
- Projeto de Extensão “A trajetória negra contada e cantada por meio do samba”.

Não sendo possível, neste trabalho, analisar cada um dos temas dos projetos de extensão aqui citados, bem

como outros desenvolvidos nos anos anteriores, salienta-se o caráter extensionista de cada um dos trabalhos e a imersão da Universidade na escola básica, nas comunidades terapêuticas com trabalho com adolescentes, nas rodas de samba e grupos ligados ao movimento negro. Contribuir com cada um desses grupos na realização de seus trabalhos, reconhecer e valorizar o conhecimento que ali se produz, narrar as experiências que ali se realizam, disponibilizar a cada um desses grupos o conhecimento produzido na Universidade: esses são os princípios que orientam os projetos de extensão que vêm sendo desenvolvidos pelo Cemud.

4 Considerações finais

O trabalho universitário e, mais especificamente, a extensão universitária, como qualquer fazer humano, não é neutro. Considerando a impossibilidade da neutralidade, afirma-se aqui a perspectiva do trabalho que vem sendo realizado pelo Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho: a perspectiva do compromisso com o processo de mudança social, com a construção de uma sociedade em que a diversidade e as diferenças sejam respeitadas e reconhecidas e em que a desigualdade seja combatida.

O inacabamento do ser humano, como nos diz Paulo Freire (1983), exige de todos e todas nós o compromisso com a transformação e com a negação de toda e qualquer fatalidade. Se partimos do princípio de que o ser humano não é,

mas, sim, está sendo, consideramos, então, a possibilidade de transformar a sociedade na qual vivemos.

Este é o compromisso que orienta a atuação extensionista do Cemud.

Referências

BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor; HABERMAS, Jurgen. **Textos Escolhidos**. Traduções de José Lins Grünnewald *et al.* São Paulo: abril cultural, 1980. (Os pensadores)

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. A construção do saber científico: algumas posições. *In*: CARVALHO, M. C. M. (org.). **Construindo o saber** – Metodologia Científica. 14 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 63-86.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MORAIS, João Francisco Regis de. Ciência e Perspectivas Antropológicas Hoje. *In*: CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (org.). **Construindo o saber** – Metodologia Científica. 14 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 87-94.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces** – Revista de Extensão, v. 1, n. 1, p. 5-23, jul./nov. 2013.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1: A crítica da Razão indolente: contra o desperdício da experiência.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

Protagonismo infantojuvenil no bairro Belvedere em Divinópolis

André Amorim Martins

Raquel Viotti

Luisa Costa

Jéssica Nunes

Victor Figueiredo

Introdução

O projeto de extensão “Protagonismo Infantojuvenil no bairro Belvedere em Divinópolis” foi fomentado pelo Programa de Apoio à Extensão (PAEx) no período de 2015 a 2018 e, concomitantemente, contribuiu para um olhar mais sensível às questões referentes ao cotidiano do adolescente daquela localidade. É importante salientar que os jovens participantes do projeto vivem em meio a um contexto de vulnerabilidade social que os colocam em um processo de exclusão e distanciamento de direitos. Essa realidade já foi descrita nos trabalhos de Figueiredo e Martins (2016) e Nunes e Martins (2017).

Entende-se por vulnerabilidade social não apenas a ausência ou um acesso precário à renda, mas também fragilidades relacionais e desigualdades de acesso a

serviços públicos (CARMO; GUIZARDI, 2018). O que seria um ser humano vulnerável pode ser melhor exemplificado na passagem abaixo, além da possibilidade de mudança de sua condição, por meio de um apoio e fortalecimento da cidadania:

o ser humano vulnerável, por outro lado, é aquele que, conforme conceito compartilhado pelas áreas de saúde e assistência social, não necessariamente sofrerá danos, mas está a eles mais suscetível, uma vez que possui desvantagens para a mobilidade social, não alcançando patamares mais elevados de qualidade de vida em sociedade em função de sua cidadania fragilizada. Assim, ao mesmo tempo, o ser humano vulnerável pode possuir ou ser apoiado para criar as capacidades necessárias para a mudança de sua condição” (CARMO; GUIZARDI, 2018, p. 6).

Em rodas de conversa semanais na Estratégia de Saúde da Família (ESF), do bairro Belvedere, os adolescentes possuem um local não só de amparo psíquico, mas também de reflexão crítica sobre os mais diversos temas que entrelaçam suas vivências. Segundo um estudo qualitativo realizado por Muza e Costa (2002), feito com adolescentes residentes em dois municípios do Distrito Federal, os jovens demonstraram elevada resistência na aproximação com as instituições de saúde, o que dificulta o seu acolhimento. Além disso, esse distanciamento resulta em pouca atenção das políticas públicas de saúde para os adolescentes. A rede pública demonstra eficiência em

relação às patologias do corpo físico, porém é insuficiente ao responder demandas de caráter sócio emocional que são frequentes em um período de transição como o experimentado na adolescência, principalmente nas populações de baixa renda (MUZA; COSTA, 2002).

Assim, esta atividade na ESF Belvedere proporciona aos jovens e à equipe uma fonte de apoio e contribuições para uma promoção de saúde efetiva. A adolescência é um período do desenvolvimento humano com as mais diversas transformações, tanto de ordem física como de ordem psicológica (PAPALIA; FELDMAN, 2013), e a aproximação dos adolescentes com a atenção básica de saúde se torna necessária.

Método e objetivos do trabalho

Desde sua criação, no ano de 2015, o projeto objetiva contribuir para uma maior qualidade de vida dos adolescentes do bairro, apresentando a eles questões que se encontravam distanciadas em função de sua realidade social, como a elaboração de um projeto de vida, a ampliação das possibilidades no mercado de trabalho e o encontro deles com espaços públicos da cidade.

A modalidade escolhida para realização dos encontros foi a roda de conversa, para que assim o espaço de trocas entre os jovens fosse facilitado. A roda de conversa decorre da metodologia educativa de Paulo Freire, nomeada, também,

como círculo de cultura, o que proporciona, na fala, a reflexão da comunidade acerca dos temas que a entrelaçam.

“As falas, as conversas, as frases, entrevistas, discussões dentro ou fora do círculo, tudo está carregado dos temas da comunidade: seus assuntos, sua vida. A vida da família em casa, no quintal, na lavoura; as alegrias, a devoção e o trabalho ritual das festas “do santo do lugar”; a luta coletiva contra a ameaça da expulsão das terras de trabalho do lavrador; as questões dos grupos populares organizados – grupos de jovens, de mulheres, de igrejas, de trabalho político; as questões do relacionamento das pessoas com a natureza, as tradições da cultura e as mudanças de tudo; as relações da comunidade com as tramas do poder; o sentimento do mundo” (BRANDÃO, 1981, p. 18).

Em um primeiro momento, em 2015, foi realizada uma divulgação acerca do grupo dentro da Estratégia de Saúde da Família (ESF) Belvedere e em escolas do bairro, como forma de captação de jovens para participação. A integração e a articulação entre o projeto de extensão, a ESF e as escolas são de suma importância, tendo em vista que “ao tratarmos do campo da saúde coletiva, deparamo-nos com a inserção da saúde em uma realidade social complexa, daí a necessidade de considerá-la como um campo interdisciplinar, articulado a uma totalidade social permeada de contradições” (DANTAS *et al.*, 2009, p. 10). No caso específico de uma das escolas, diversos projetos já eram desenvolvidos, tais como aulas de música e dança, projetos voltados à educação cidadã, entre outros, e isso facilitou

a entrada de uma proposta que pretendia uma formação democrática e emancipadora nas rodas de conversa. A busca ativa dentro do território escolar foi no sentido de informar as características e como funcionariam as rodas de conversa. Ao todo, cerca de 120 estudantes participaram, separados em turmas, dessa conversa inicial no ambiente escolar.

Devido ao fato de o trabalho realizado já ser conhecido pela comunidade, por sua continuidade e resultados efetivos, muitos jovens que já participavam do projeto retornaram e convidaram novos participantes para ingressarem.

A realização das ações ocorreu entre os meses de março a dezembro nas dependências da própria unidade de saúde ESF Belvedere, em uma sala destinada ao atendimento em grupos. As atividades ocorrem semanalmente, sendo realizados 23 encontros anuais, com duração média de uma hora. Destaca-se que o grupo se manteve aberto para que novos adolescentes pudessem ingressar no momento em que considerassem oportuno. Além dos encontros semanais propostos, o projeto no ano de 2018 também utilizou, como forma de metodologia, a participação social dos jovens na comunidade, por meio de visitas em espaços públicos de Divinópolis que pudessem, de alguma forma, contribuir para o protagonismo destes jovens.

O objetivo do projeto se baseou no ideário da extensão, isto é, em uma relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade, de forma que o público infantojuvenil pudesse ter a chance de se tornar protagonista do seu território

por meio da democratização. Segundo Bobbio (2011) a democracia é um processo constante, que necessita da exploração dos espaços por aqueles que ainda não foram protagonistas. Por isso, buscou-se desenvolver processos de subjetivação no público-alvo infantojuvenil por meio da ampliação dos seus territórios existenciais.

Muza e Costa (2002) reforçam o argumento sobre a necessidade de demonstrar a potência do protagonismo juvenil que se elucida em três formas: fonte de iniciativa, expressão de liberdade e assunção de um compromisso. O jovem se torna protagonista de sua ação, ou seja, a ação parte dele e se concretiza na tomada de responsabilidade por seus atos. É visível que o adolescente somente terá sua ascensão como protagonista caso seja possibilitado um local de fala e reflexão para ele, que, muitas vezes, ainda se encontra inserido em um processo naturalizado de mera consequência e resignação frente ao seu contexto social.

Para que a dita democracia ocorra é necessário que se tenha o exercício efetivo de uma sempre nova participação, que resultará em novos agentes protagonistas e contribuirá para a expansão do que já se encontra democratizado. O protagonismo infantojuvenil é, portanto, uma maneira de tornar os jovens, em estado de alteração do seu *status* na sociedade, responsáveis e conscientes dos seus espaços e relações vivenciadas, tornando perceptível para estes a possibilidade de transformações e interlocuções com as instituições que frequentam (FIGUEIREDO; MARTINS, 2015).

Por fim, é importante ressaltar que o projeto de extensão se encontra vinculado ao Grupo CNPq/UEMG: *Núcleo de Psicologia sobre Educação, Paz, Saúde, Subjetividade e Trabalho* da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Unidade Divinópolis.

Desenvolvimento do projeto

Do ano de 2015 até o presente, o projeto segue uma plataforma semiaberta para suas atividades:

- Primeiros encontros (1º ao 3º) – divulgação, apresentação dos membros, construção de regras de funcionamento (sigilo, assiduidade, respeito, solidariedade etc.);
- Atividades (4º ao 21º) – temáticas construídas no cotidiano do trabalho;
- Finalização (22º e 23º) – avaliações e confraternização.

Portanto, o que será apresentado é uma estrutura que sofre algumas variações no passar dos anos, sem perder o fio condutor do trabalho preconizado no método Roda de Conversa.

O primeiro encontro se deu em uma dinâmica de apresentação entre os jovens e os facilitadores dos encontros. Houve um número significativo de adolescentes presentes, e esses, em sua maioria, relataram que obtiveram

informação sobre o início do grupo na escola e de colegas próximos que já participaram em anos anteriores. Após a realização do contrato e esclarecidos os questionamentos acerca das expectativas dos adolescentes perante o grupo, definiu-se a escolha do tema do segundo encontro.

As atividades foram realizadas com maior descontração, utilizando-se, quando necessário, a musicalidade e teatralização como ferramentas. Nas escolas houve aulas de instrumentos musicais oferecidas gratuitamente. As músicas despertaram nos adolescentes algumas falas sobre o período de suas vidas, caracterizando a adolescência como um momento marcante de entrada no mundo crítico e dos segredos. Um tema recorrente foi o *bullying*, responsável por trazer à tona sentimentos expressivos nos adolescentes. Os encontros foram marcantes e tiveram relatos significativos, seguidos de lágrimas e a conclusão de que o *bullying* não deve ser considerado normal. Uma das falas de um dos adolescentes sintetizou o que foi apreendido: *“O bullying é uma marca; alguns conseguem apagar, outros não”*.

Houve também encontros que se destinaram à prática de artesanato e que tiveram caráter lúdico, pouco presente na fase da adolescência. Em 2018, por exemplo, uma geladeira que se encontrava em desuso foi doada à Unidade de Saúde e os adolescentes levaram imagens do seu interesse, sendo então realizada uma bricolagem transformando o eletrodoméstico sem utilidade em uma “geloteca”. Livros e revistas foram doados e passaram a ocupá-la. Na medida em que as rodas de conversa foram ocorrendo, os jovens

demonstraram interesse em assuntos que foram discutidos em grupo.

A demanda sobre o tema sexualidade foi uma constante nestes anos. Nos encontros promovidos com os jovens, o foco foi desmistificar alguns tabus em relação ao sexo, que os prejudicam na obtenção de mais informações seguras sobre o assunto e, principalmente, no que diz respeito aos métodos contraceptivos de gravidez e de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Segundo Jeolás e Ferrari (2003), um espaço para troca de ideias e valores propicia uma autorreflexão sobre questões sexuais, rompendo com a alienação do indivíduo frente ao discurso do mundo social.

O suicídio foi outro tema tratado mais de uma vez nas rodas de conversa, sendo discutido repetidamente durante o mesmo ano. Para isso, foi apresentada aos adolescentes a Campanha Brasileira de Prevenção ao Suicídio, preconizada pelo Ministério da Saúde e nomeada setembro Amarelo. A causa foi discutida e alguns dos adolescentes presentes já a conheciam devido aos cartazes escolares confeccionados na época da campanha.

O Centro de Valorização da Vida (CVV) também foi apresentado como alternativa de prevenção e, então, a discussão se direcionou para a questão: como prevenir o suicídio? O questionamento foi lançado aos adolescentes que, com efeito, citaram diversas formas sobre como conversar com um amigo, ficar com seu animal de estimação ou até mesmo dar um tempo para si mesmo. Foi, então,

acentuada a importância da FALA como mecanismo de prevenção ao suicídio.

O tema Feminismo também foi demandado pelas adolescentes do grupo, que se prontificaram em apresentar argumentos sobre o assunto. As jovens explicaram sobre o contexto histórico da luta pela igualdade de direito das mulheres, o direito ao voto há pouco conquistado, assim como o direito ao estudo e ao divórcio, que também foram ressaltados pelas adolescentes. Alguns dos presentes ainda demonstravam certa confusão ao compreender o movimento feminista. A roda de conversa, por fim, contribuiu para desmistificar certas visões extremistas e, mais uma vez, frisar a importância do respeito para com o outro.

Outros temas trabalhados foram a autoestima, a família e a Internet; assuntos estes capazes de despertar o interesse e diferentes opiniões entre os jovens. O trabalho em equipe foi outra temática apresentada por meio de dinâmicas capazes de elucidar como o apoio mútuo pode proporcionar maiores facilidades no dia a dia.

Foram tratadas também questões sobre violência e preconceito que permeiam as vivências da maioria dos jovens ali presentes. Estes relatam, diversas vezes, a proximidade do bairro com a criminalidade e o tráfico de drogas. As participantes do sexo feminino também expuseram situações de assédio que ocorriam nas escolas e nas ruas.

Além das rodas de conversa semanais, o projeto de extensão aqui descrito teve como intuito a realização de visitas

em espaços públicos de Divinópolis, de forma a propiciar aos adolescentes um encontro com a história de sua cidade e com os estabelecimentos de ensino públicos, contribuindo para o seu processo de cidadania. Nesses anos, foram realizadas um total de sete visitas:

- a. Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
Unidade Divinópolis;
- b. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)
Campus Dona Lindu;
- c. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET);
- d. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai);
- e. Teatro Municipal Usina Gravatá;
- f. Praça da Bíblia;
- g. Visita guiada pelo centro histórico de Divinópolis:
Praça da Catedral, Praça Candidés e Praça do Mercado.

As visitas às Universidades contribuíram para aproximar os adolescentes do ambiente universitário, passando por laboratórios, salas de aula, Encontros Científicos etc. Foi um momento em que as Universidades puderam apresentar suas formas de ingresso via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibular. Algumas dessas instituições reproduziram formas de barreira sociais, explicitando,

por exemplo, que “aqueles adolescentes” não se enquadram ao perfil institucional. Diante de um cenário em que muitas portas são fechadas e de oportunidades que parecem inalcançáveis, tentamos contribuir com uma experiência nova para o grupo de adolescentes. Mesmo que esses estabelecimentos estivessem num raio de 3 km da ESF, trajeto que poderia ser realizado a pé, muitos jovens consideravam estes espaços fora dos seus projetos de vida. Há relatos em que alguns dos adolescentes declararam ter como determinação um projeto de vida para o trabalho em caixa de supermercado, indicando, assim, um imaginário de progressão de carreira nos supermercados da cidade.

O conhecimento adquirido e as experiências nas vivências dos adolescentes a partir das visitas foram destaques no desenvolvimento do projeto. A partir das vivências em instituições de ensino próximas ao lugar onde os adolescentes residiam, novas reflexões foram surgindo, mostrando novas possibilidades de carreira aos adolescentes. Tivemos recepções de diversas formas: visita guiada com práticas, palestra montada exclusivamente para a visita dos adolescentes, mostrando a preparação e o cuidado que tiveram em receber o grupo, apresentação do *campus* e visitas sem maiores apresentações e sem abertura para exploração. Algumas instituições abriram suas portas e mostraram a possibilidade de os jovens fazerem parte daquele espaço. Outras, no entanto, deixaram claro o desagrado de tê-los naquele local. Cada recepção nos mostrou o quanto os adolescentes podiam se sentir próximos ou afastados daqueles espaços, evidenciando, de forma clara, o incentivo aos adolescentes em fazerem (ou

não) parte da instituição. Em outros discursos, a oposição em tê-los como membros participantes da instituição se expressou como um processo de postergação.

As visitas às praças e ao Teatro Municipal proporcionaram a apresentação de formas alternativas de lazer e de confraternização. Em 2018, foi a primeira vez que todos participaram da Feira Literária de Divinópolis (FLID), no Teatro Municipal Usina Gravatá, o que possibilitou contemplarem uma apresentação teatral e da Escola de Música de Divinópolis.

Resultados do projeto

Os desafios para proteção e promoção da qualidade de vida em crianças e adolescentes foram diversos. Esses foram de tamanha amplitude e complexidade que excederam os métodos utilizados habitualmente pelas agências de saúde pública, que normalmente não solucionam os problemas comumente apresentados. As realidades específicas desses períodos da vida demonstraram, portanto, a necessidade de esforços mais amplos, criativos e consequentemente eficientes da área da saúde (DIAS *et al.*, 2007).

O projeto de extensão “Protagonismo Infantojuvenil no Bairro Belvedere, em Divinópolis” se apresentou como um método amplo e criativo, pois reuniu diferentes jovens em um local e os colocou em posição de protagonistas, elegendo temáticas de seu cotidiano para serem discutidas e refletidas. O grupo também se tornou fonte de apoio

psíquico, o que pode ser visto nos seguintes conjuntos de falas dos participantes: “Meu ano não foi legal, mas o grupo foi”, “Hoje eu estou uma pessoa mais animada, sociável”, “O grupo ajudou a expressar melhor minha opinião”.

Além das reflexões propiciadas pelas rodas de conversa semanais, os adolescentes também apresentaram uma maior aproximação com a ESF Belvedere, o que pôde ser verificado como um mecanismo facilitador da prevenção e promoção de saúde, que são objetivos principais do atendimento em saúde na atenção básica. As visitas realizadas contribuíram para um maior contato dos adolescentes com os espaços públicos de sua cidade, favorecendo acesso à cultura, como, a Feira Literária de Divinópolis. Além disso, as visitas contribuíram para o acesso a espaços que são, muitas vezes, desconhecidos pelos adolescentes em função de morarem em bairros afastados e de não terem renda destinada ao lazer.

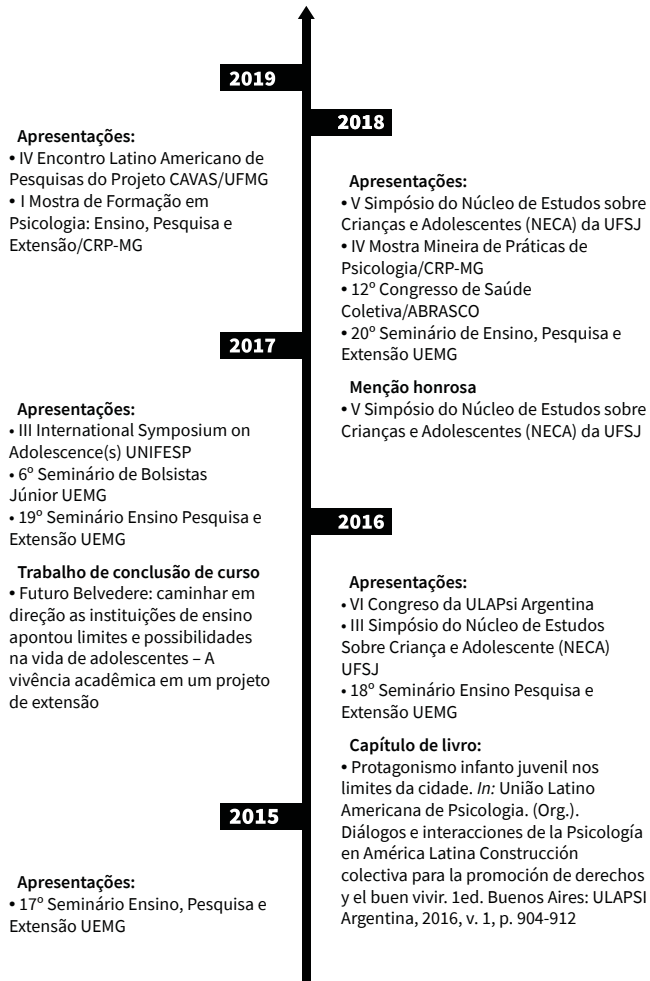
O projeto já era reconhecido pela comunidade do bairro Belvedere e, a cada ano, tem se tornando mais solidificado. As demandas dos jovens foram diversificadas, porém a existência de um local de fala para eles contribuiu para que se expressassem e reconhecessem seus papéis de cidadão. Segundo Dias *et al.* (2007) cidadão é aquele que usufrui de seus direitos e cumpre seus deveres dentro de um processo de cidadania que é apenas efetivado com articulações entre história, cultura e política da sociedade em que vivem. O protagonismo infantojuvenil é, portanto, uma forma efetiva de se produzir cidadania e tornar os jovens conscientes do seu papel de sujeitos de direitos. A passagem

abaixo sintetiza e reforça a necessidade da continuidade de programas que valorizem a cidadania:

O reconhecimento das potencialidades dos cidadãos como sujeitos de direitos e a necessidade de se descortinar as implicações estruturais que os colocam em situação de vulnerabilidade, requerendo organização para a exigência ao poder público de acesso mais igualitário a oportunidades, fazem parte de uma conduta que pressupõe esforço constante (CARMO; GUIZARDI, 2018, p. 9).

Os resultados obtidos foram, portanto, satisfatórios. Do conjunto das falas dos adolescentes participantes, algumas foram exemplares: “É legal e interessante ter um lugar para falar coisas que ninguém conversa com a gente”, “Foi legal conversar um pouco sobre temas que eu nunca tinha ouvido falar”, “Gostei do tema da Internet porque percebi o quanto eu ficava (na frente do computador), então dei uma diminuída”.

Nos últimos anos, tivemos como produções acadêmicas motivadas pelo projeto:

Figura 1: Produções acadêmicas motivadas pelo projeto

Fonte: Banco de dados com registro de atividades do Núcleo de Psicologia.

Considerações finais

Observou-se que, mesmo que o Brasil apresente uma das mais avançadas legislações de proteção aos jovens, o trabalho a ser feito para torná-las efetivas ainda é extenso (DIAS *et al.*, 2007). Faz-se necessária, portanto, a existência de projetos que possibilitem aos adolescentes uma maior aproximação aos seus direitos à saúde, ao lazer, à educação e à cultura.

O projeto de extensão “Protagonismo Infantojuvenil no Bairro Belvedere, em Divinópolis”, por meio das rodas de conversa e das visitas aos espaços públicos daquele município, proporcionou aos jovens participantes sua ascensão como cidadãos, além da compreensão de suas realidades sociais que os influenciam diretamente. Conclui-se que a continuidade do presente projeto e a realização de outros, que incentivem o protagonismo infantojuvenil, foram e são de grande importância para melhorias na qualidade de vida das comunidades.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Tatuapé, 1981.
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CARMO, Michelly Eustáquia; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública**, Brasília, 34(3): e00101417, 2018.
- DANTAS, Vera Lúcia Azevedo; RESENDE, Regiane; PEDROSA, Ivo dos Santos Pedrosa. **Integração das Políticas de Saúde e Educação**. Salto para o Futuro, Saúde e educação: uma relação possível e necessária. Ministério da Educação. Ano XIX boletim 17, p. 10-22, 2009.
- DIAS, Silvia Luci de Almeida *et al.* **Estatuto da Criança e do Adolescente: aprendendo cidadania**. Inclusão Social, Brasília, v. 2, n. 2, p. 116-123, abr./set, 2007.
- FIGUEIREDO, Victor Santos; MARTINS, André Amorim. Protagonismo infanto-juvenil no bairro belvedere: Nos limites da cidade. **Diálogos e interacciones de la Psicología en América Latina**. Buenos Aires. 2016.
- JEOLÁS, Leila Sollberger; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Ciência & Saúde Coletiva**, Londrina, 8 (2): 611-620, 2003.
- MUZA, Gilson Maestrini; COSTA, Marisa Pacini. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes – o olhar dos adolescentes. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 18 (1): 321-328, jan-fev, 2002.

NUNES, Jéssica Alice; MARTINS, André Amorim. Future belvedere: walk towards the institutions pointed out limits and possibilities in the lives of teens - the academic experience in a project extension. *In*: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ADOLESCENCE (S) & FÓRUM (RE) PENSANDO A EDUCAÇÃO, 3, 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Unifesp, 2017. p. 394-404.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento humano**. 12 ed. Porto Alegre: Mc Graw-Hill, 2013.1.

A trajetória do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos

Nágela Aparecida Brandão

Gilvanice Musial

Vânia Costa

Ana Catharina Mesquita Noronha

Maria Cristina Silva

Márcia Helena Nunes Monteiro

Roberto Márcio Rezende

Walquíria Miranda Rosa

Ana Cláudia Godinho

1 Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar a trajetória do Núcleo de Extensão e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (NEPEJA) da Faculdade de Educação, *campus* Belo Horizonte, da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG). Essa trajetória começa com as ações de extensão de um grupo de professores e estudantes da FaE/UEMG no âmbito da educação de jovens e adultos no final dos anos noventa, vinculados ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA/INCRA/MDA). Essas ações se expandem, principalmente com a parceria com movimentos sociais e sindicais e organizam-se em torno de projetos e programas, promovem a formação dos sujeitos envolvidos, o desenvolvimento de pesquisas, uma vasta produção científica, um acervo de fotos, vídeos, documentos que retratam quase vinte anos da Educação de Jovens

e Adultos (EJA), em especial, nas áreas de reforma agrária no estado de Minas Gerais.

O envolvimento em diferentes atividades ao longo desses anos¹ contribuiu para construção de um fazer universitário engajado politicamente, crítico na perspectiva de análise e pautado no trabalho coletivo do grupo de professores, estudantes e comunidades envolvidas, entre elas pode-se citar: a inserção no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), por meio do Projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã; da participação no Fórum Mineiro de Educação de Jovens e Adultos; a elaboração, em conjunto com educadores de jovens e adultos de acampamentos/assentamentos de um material didático pedagógico – Caderno do Educador – para a EJA (financiado por MEC/SESu/PROEXT/2007); o programa de estudos intitulado Educação de Jovens e Adultos em Áreas de Reforma Agrária em Minas Gerais: os processos educativos gestados no Projeto “Educação, Campo e Consciência Cidadã” – financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) –; a experiência do

1 Embora a institucionalização do NEPEJA tenha ocorrido somente em julho de 2003, desde o final dos anos noventa, integrantes do núcleo desenvolviam ações e projetos na EJA e na Educação do Campo antes desta data, tais como a participação no Fórum Mineiro de Educação de Jovens e Adultos (2001 e 2002), a coordenação do 4º Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (2002), participação na I Conferência Estadual de Educação do Campo (1997), na I Conferência Nacional de Educação do Campo (1998) e na coordenação das primeiras versões do projeto “Educação, Campo e Consciência Cidadã (2000 e 2002). Em 2013, o NEPEJA foi registrado no diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), certificado pela UEMG.

Observatório da Educação do Campo (CAPES/INEP); a realização do programa de extensão “Educação de jovens e adultos: memórias, formação de educadores em áreas de reforma agrária no estado de Minas Gerais” (MEC/SESu/PROEXT/2013); do projeto de pesquisa Trabalho, Educação de Jovens e Adultos e Formação Profissional em Áreas de Reforma Agrária no Estado de Minas Gerais (FAPEMIG/2013) e o projeto de pesquisa Confrontação de saberes nas experiências do trabalho na EJA (CNPq/2013).

O texto está organizado em três partes: em um primeiro momento serão apresentados os projetos e programas desenvolvidos no âmbito da extensão universitária; em um segundo momento, os projetos vinculados à pesquisa; por fim, serão feitas algumas considerações finais acerca dessa experiência.

2 Os projetos e programas desenvolvidos pelo NEPEJA/FaE/UEMG

O quadro a seguir apresenta, de forma resumida, os projetos e programas desenvolvidos pelo grupo ao longo dos seus anos de existência. Na medida em que estes iam sendo realizados, o NEPEJA foi reforçando como premissas de trabalho a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e o fortalecimento da articulação entre universidade, movimentos sociais e sujeitos de maneira dialógica, ou seja, de forma que os envolvidos pudessem participar do processo de construção de novos conhecimentos.

Tal perspectiva se coaduna com uma revisão profunda da concepção de Universidade e de Extensão. O papel da Universidade assume um novo sentido a partir de sua inserção nas ações coletivas de formação humana desenvolvidas no âmbito dos movimentos sociais. Como lembra Arroyo (2017, p. 18), “a universidade é reeducada quando se abre à dinâmica social, política, educativa que vem dos movimentos sociais, especificamente do campo”. Elas transformam-se em um espaço de discussões, de produção científica, tendo por base o trabalho coletivo, o compromisso social².

Quadro 1: Projetos / Programas do NEPEJA/FaE/UEMG

– 2000-2019

	Título do Projeto / Programa	Natureza do projeto/ programa	Parceiros	Financiamento	Período de execução
1	Projeto “Alfabetização, Campo e Consciência Cidadã”	Extensão	FAFIFIA/FEVALE FaE/UEMG; DeP/UFV; FETAEMG; MST/MG	PRONERA/INCRA/MDA	2000-2001

- 2 Não poderíamos deixar de lembrar o projeto de oferta de curso de graduação “Pedagogia da Terra”, elaborado conjuntamente pela Universidade, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Minas Gerais (MST/MG), Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG) e demais parceiros, aprovado no âmbito do PRONERA/INCRA/MDA no ano de 2002. Mesmo contando com recursos liberados, o reitor da Universidade na época escolheu não assinar o convênio. A inserção e reconhecimento dos povos do campo na agenda da Universidade não foi um processo sem luta e conflitos. Atualmente, o programa institucional de extensão em educação do campo da UEMG demonstra que a Universidade avançou muito neste aspecto.

	Título do Projeto / Programa	Natureza do projeto/ programa	Parceiros	Financiamento	Período de execução
2	Projeto “Educação, Campo e Consciência Cidadã”	Extensão	FaE/UEMG; FAFIFIA/FEVALE DeP/UFV; FETAEMG; MST/MG	PRONERA/INCRA/MDA	2003-2004
3	Projeto “Educação, Campo e Consciência Cidadã”	Extensão	FaE/UEMG; FAFIFIA/FEVALE DeP/UFV; FETAEMG; MST/MG	PRONERA/INCRA/MDA	2005-2007
4	Projeto “Educação, Campo e Consciência Cidadã”	Extensão	FaE/UEMG; FAFIFIA/FEVALE DeP/UFV; FETAEMG; MST/MG	PRONERA/INCRA/MDA	2008-2012
5	Projeto “Elaboração de material didático-pedagógico para a educação de jovens e adultos em acampamentos e assentamentos de reforma agrária”	Extensão	FaE/UEMG; FETAEMG; MST/MG	PROEXT/MEC/2007	2007-2009
6	Programa de estudos “Educação de Jovens e Adultos em Áreas de Reforma Agrária em Minas Gerais: os processos educativos gestados no Projeto “Educação, Campo e Consciência Cidadã”	Pesquisa	Dep/UFV; FaE/UEMG; FETAEMG; MST/MG	FAPEMIG	2008-2010
7	Projeto Observatório da Educação do Campo – Práticas de Educação de Jovens e Adultos, Letramento e Alternações Educativas	Pesquisa	PPGED/UFV; PPGED/UEMG; PPGED/UFSJ	(CAPES / INEP / Edital 038/2010/)	2010-2014

	Título do Projeto / Programa	Natureza do projeto/ programa	Parceiros	Financiamento	Período de execução
8	Programa: Educação de jovens e adultos: memórias, formação de educadores em áreas de reforma agrária no estado de Minas Gerais	Extensão	FaE/UEMG; FETAEMG; MST/MG	MEC/SESu/ PROEXT/2013	2014-2016
9	Projeto Trabalho, Educação de Jovens e Adultos e Formação Profissional em Áreas de Reforma Agrária no Estado de Minas Gerais	Extensão em Interface com Pesquisa	FaE/UEMG; FETAEMG; MST/MG	FAPEMIG/ APQ/2013	2014-2016
10	Projeto Confrontação de saberes nas experiências do trabalho na EJA	Pesquisa	FaE/UEMG	CNPq / 2013	2014-2016
11	Programa Educação de Jovens e Adultos: reconstrução de memórias, formação de alunos universitários (estágio de vivência), educadores e gestores em áreas de reforma agrária em Minas Gerais	Extensão	FaE/UEMG; FETAEMG; MST/MG	MEC/SESu/ PROEXT /2014	Aprovado, porém não executado ³

3 Em virtude das mudanças no estatuto de trabalho dos professores da UEMG (com o julgamento de inconstitucionalidade da Lei Complementar nº. 100/2007), vários integrantes da equipe saíram da Universidade. Os professores que ficaram deixaram de ser efetivos. Um dos critérios do MEC/Proext era que coordenadores dos programas por eles financiados fossem efetivos. Desse modo, optou-se por devolver os recursos na época, uma vez que não poderia ser assegurado o cumprimento desse critério. Além disso, projetos dessa natureza baseiam-se em uma construção de parceria e confiança entre os envolvidos. A simples troca de coordenador poderia comprometer as metas e relações estabelecidas.

	Título do Projeto / Programa	Natureza do projeto/ programa	Parceiros	Financiamento	Período de execução
12	Programa “Trabalho, Políticas Públicas, Juventudes e Aprendizagem em Educação de Jovens e Adultos do campo e da cidade”	Extensão em Interface com Pesquisa	FaE/UEMG; FETAEMG; MST/MG	Em busca de financiamento	2017-2019

Fonte: elaborado pelos autores a partir de MUSIAL *et al.* (2014).

2.1 A extensão universitária

Ao se originar de atividades eminentemente de extensão universitária, o NEPEJA não a tratou pelo viés da prestação de serviço, mas por uma concepção que caminha no sentido de superar a perspectiva de via de mão única, tão presente nos anos oitenta, nas universidades brasileiras (MELO NETO, 1997). Assim, as experiências vividas no interior dos diferentes projetos permitiu caminhar em direção a uma prática de extensão que ultrapassa a dimensão de transmissão de saber pela Universidade e considerar os diferentes saberes produzidos no cotidiano de vida e de trabalho de homens e mulheres como saberes válidos.

É importante ressaltar que essas reflexões são oriundas da busca constante de uma prática educativa pautada pela indissociabilidade entre extensão, pesquisa e ensino realizada ao longo desses anos, o que sinaliza em direção ao fortalecimento da articulação entre Universidade, comunidades e movimentos sociais/sindicais de maneira dialógica. As ações vêm sendo pautadas pela lógica do

trabalho coletivo nas quais todos os parceiros envolvidos (movimentos sociais, sindicais, educadores populares, universidades, órgãos governamentais) participam do processo de construção de novos conhecimentos.

Pode-se dizer que os pressupostos que orientaram a condução dos trabalhos se inscrevem no que Boaventura de Souza Santos chama de “ecologia de saberes”. Esta última é uma espécie de

extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provenientes de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental etc.) que circulam na sociedade (...). Implica uma vasta gama de ações de valorização, tanto do conhecimento científico, como de outros conhecimentos práticos, considerados úteis, cuja partilha por pesquisadores, estudantes e grupos de cidadãos serve de base à criação de comunidades epistêmicas mais amplas que convertem a universidade num espaço público; de interconhecimento onde os cidadãos e os grupos sociais podem intervir sem ser exclusivamente na posição de aprendizes (SANTOS, 2008, p. 69-70).

Considera-se que a produção do conhecimento comprometida com os processos de transformação social precisa levar em conta a participação efetiva da comunidade, de forma interativa e coletiva. Nesse processo, os sujeitos

tornam-se coautores dos conhecimentos produzidos que tem como ponto de partida a reflexão sobre sua realidade imediata. O trabalho de produção do conhecimento não se reduz a descrição dos contextos e experiências, mas traduz uma reflexão coletiva acerca das condições histórica e socialmente determinadas onde estão inseridas as comunidades, as trajetórias dos sujeitos, as práticas e sentidos construídos.

Figura 1: Sala de aula do Acampamento Irmãos Naves (MST/MG)
– Município de Araguari, Triângulo Mineiro, 2005



Fonte: Acervo NEPEJA.

Figura 2: Marcha da Educação – Acampamento Novo Paraíso
– Jequitaiá/MG (Maio/2009)



Fonte: Acervo NEPEJA.

As fotos anteriores (FIG. 1 E 2) expressam essa concepção extensionista. A primeira, uma sala de aula do projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã, construída pelos moradores do Acampamento Irmãos Naves, em Araguari/MG. A segunda, uma marcha pela educação realizada por moradores do Acampamento Novo Paraíso, em Jequitaiá, com objetivo de mobilizar os sujeitos para o engajamento nos projetos de educação propostos pelo coletivo de educação. Neste processo educativo comprometido com a transformação social, todos os envolvidos tornam-se participantes desta construção, seja construindo o espaço onde as aulas, reuniões, assembleias seriam realizadas, indo atrás do poder público para fornecer mobiliário e materiais, seja fazendo uso de práticas próprias dos movimentos sociais de luta pela terra (a marcha) para mobilizar os sujeitos para inserção nos projetos de educação. De maneira dialógica,

universidade e movimentos sociais participaram desta construção coletiva, que será descrita a seguir.

2.1.1 Projeto “Educação, Campo e Consciência Cidadã”⁴

O projeto “Educação, campo e consciência cidadã” teve como objetivo alfabetizar e escolarizar, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, jovens e adultos em áreas de reforma agrária no estado de Minas Gerais. Das quatro versões do projeto, as três últimas foram coordenadas pelo NEPEJA/FaE/UEMG no interior do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA/INCRA/MDA) em parceria construída entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST/MG), Federação dos Trabalhadores da Agricultura no Estado de Minas Gerais (FETAEMG), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), o departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA), entre os anos 2000 e 2012.

O projeto tinha abrangência nas seguintes regiões do estado de Minas: Centro-sul, Jequitinhonha, Triângulo e Alto Paranaíba, Mucuri, Norte e Zona da Mata. A última versão atendeu quase três mil educandos alocados em cerca de 170 salas de aula.

4 O livro “Educação de Jovens e Adultos do Campo: o Projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã” apresenta uma série de artigos com análises do referido projeto.

O processo de escolarização de jovens e adultos e de formação dos educadores fundamentou-se no referencial teórico de Paulo Freire, dentre outros autores, que pautaram suas obras pela busca de compreensão da dimensão política da educação, através de um projeto educativo emancipador que prioriza a relação intrínseca entre educação e cultura no processo de formação humana. Nestes projetos, alfabetização e letramento foram concebidos como um fenômeno complexo que vai além das habilidades de decodificação/codificação de signos/símbolos, e se configura como um fator fundamental para a busca da emancipação política e autônoma dos acampados e assentados.

Considerando que existe uma identidade entre os princípios políticos e metodológicos do PRONERA, os quais serviram de orientação da metodologia desenvolvida ao longo destes anos, buscou-se reagrupá-los (desdobrá-los) em eixos básicos, que norteiam os processos educativos:

- a) a construção de eixos temáticos e levantamento de palavras geradoras do universo vocabular vivenciado, bem como elementos da cultura das áreas de assentamento;
- b) a integração entre as necessidades identificadas nos assentamentos e as atividades educativas;
- c) a interdisciplinaridade como princípio transversal para a concretização da proposta educativa;
- e d) a construção de uma relação dialógica pelos sujeitos envolvidos na práxis educativa.

As aulas aconteciam nas áreas de reforma agrária e eram conduzidas por um educador que morava no local. O horário era definido pela comunidade. Onde não existia infraestrutura, a própria comunidade, em parceria com

a Universidade, mobilizava-se para conseguir (desde a construção das salas, muitas vezes de lona, aquisição ou construção de mobiliário, óculos, materiais, quadro, lampião etc. até o transporte escolar em assentamentos onde as moradias eram distantes da sala de aula e a certificação – declaração – de escolaridade no primeiro segmento do ensino fundamental). Parte dos materiais era financiada pelo programa, mas não era o suficiente. O engajamento da comunidade era fundamental para que o direito dos adultos fosse assegurado.

A organização dos processos de formação dos educadores do Projeto seguiu o seguinte formato: a) formação presencial por meio de ciclos de formação de educadores e de oficinas regionais; b) formação em processo através das visitas às salas de aula por professores, alunos universitários e coordenadores locais e por meio de momentos de estudo, pesquisa e planejamento do trabalho.

Nas figuras a seguir pode-se observar o desenvolvimento de oficinas regionais realizadas com a participação de educadores, estudantes universitários e coordenadores locais. Nessas oficinas eram trabalhadas questões específicas da região e dos educadores e educandos.

Figura 3: Oficina Regional de Formação: Região Centro-Sul (2009)



Fonte: Acervo NEPEJA.

Figura 4: Oficina Regional de Formação: Região Centro-Sul (2005)



Fonte: Acervo NEPEJA.

A despeito de todos os desafios vivenciados ao longo de sua realização, pode-se dizer que a dinâmica de parceria entre Universidade, Movimentos Sociais e Sindicais e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) criou um ambiente favorável para que grupos de docentes e discentes repensassem seu compromisso com movimentos de luta pela terra.

Um fato relevante, que muito honrou a todos os parceiros, foi que, no ano de 2005, o projeto foi premiado pelo Ministério da Educação com a Medalha Paulo Freire, cuja concessão reconhece experiências relevantes no campo da alfabetização e educação de jovens e adultos.

Figura 5: Medalha Paulo Freire 2005



Fonte: Acervo NEPEJA.

Cabe ressaltar que a execução do Projeto *Educação, Campo e Consciência Cidadã* contribuiu para a formação de educadores e para a o campo da EJA no contexto da educação em áreas de reforma agrária e da educação do campo no Estado. Além disso, possibilitou inúmeras aprendizagens, conquistas e desafios diversos.

2.1.2. O Projeto de construção de material didático-pedagógico

O material didático-pedagógico intitulado “Educampo” é fruto da demanda de educadores e educadoras de jovens e adultos de áreas de reforma agrária em Minas Gerais que, no período de 2000 a 2007, participaram do projeto de extensão universitária “Educação, Campo e Consciência Cidadã”. Financiado pelo MEC/PROEXT/2007, o projeto construiu um “Caderno do educador”, baseado nas experiências de trabalho desenvolvidas pelos educadores nas áreas de reforma agrária. Posteriormente, entre os anos de 2010 e 2013, esse material foi utilizado em algumas áreas como uma das atividades do Observatório da Educação do Campo (que será descrita mais adiante).

Considerando os educadores e educadoras como autores de suas práticas pedagógicas, o projeto teve como objetivo geral elaborar um material junto com eles, a partir do trabalho que realizavam em sala de aula, e intensificar a formação como pesquisadores/pesquisadoras das e com as comunidades das quais fazem parte. O projeto priorizou o diálogo com os educadores e educadoras no processo de elaboração do material didático pedagógico.

Para a elaboração do Caderno, que compõe o material didático-pedagógico, foi feita uma pesquisa com a intenção de se obter dados sobre a prática pedagógica desenvolvida nas turmas de educação de jovens e adultos. Considerando o objetivo do projeto, a realidade dos assentamentos e acampamentos, sua localização de norte a sul do estado

de Minas Gerais e o número de educadores e educadoras (75), optou-se por uma metodologia de pesquisa que assegurasse naquele momento (anos de 2005-2007) a participação de todos educadores e educadoras de forma direta ou representativa.

Em um primeiro momento todos os educadores responderam a um questionário sobre seu trabalho: temas, conteúdos, atividades. Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas com alguns educadores para que se pudesse identificar alguns elementos de suas práticas pedagógicas. As informações obtidas nestes dois momentos foram organizadas e analisadas de modo que pudessem orientar a construção do material.

O Caderno do Educador está organizado da seguinte forma: a Apresentação consta de dois textos, um da FETAEMG e outro do MST, a Introdução traz o histórico do projeto e da pesquisa seguidos do texto *O Educador e a Educadora do Campo* e do texto *Organização dos cadernos*. Em seguida, duas temáticas são apresentadas: *Planejamento* – fruto do relato oral feito por uma educadora do MST/MG transcrito e adaptado para esse caderno – e *O primeiro dia de aula* – carta de uma educadora da FETAEMG, também adaptada para esse caderno. Os textos e as atividades correspondentes a cada tema foram indicados pela pesquisa realizada junto aos educadores e educadoras e estão apresentados no caderno na seguinte ordem: Identidade, Reforma Agrária, Trabalho, Ofícios e Bilhetes,

Meio Ambiente e Cooperação. A imagem a seguir mostra a capa do Caderno produzido.⁵

Figura 6: Capa do material didático



Fonte: Acervo NEPEJA.

2.1.3 Programa Educação de Jovens e Adultos: memórias, formação de educadores e gestores em áreas de reforma agrária de Minas Gerais

O Programa Educação de Jovens e Adultos: memórias, formação de educadores e gestores em áreas de reforma agrária do estado de Minas Gerais, financiado pelo MEC/

5 Esta capa foi produzida pelos alunos bolsistas da Escola de Design da UEMG a partir das sugestões dos educadores entrevistados na segunda fase da pesquisa. Ainda é motivo de crítica por parte dos educadores por ainda não refletir o “campo da educação do campo”.

SESu/PROEXT/2013 e executado entre os anos 2014-2016, buscou fortalecer as ações de extensão, pesquisa e ensino que vinham sendo desenvolvidas pelo NEPEJA, em parceria com o MST e com a FETAEMG. Foi organizado em torno dos seguintes projetos: 1. Reconstrução da memória do projeto *Educação, campo e consciência cidadã*, que tinha como objetivos reconstruir, juntamente com os parceiros, a memória deste projeto de EJA, desenvolvido no âmbito do PRONERA; 2. Formação de educadores populares e gestores educacionais em EJA nas áreas de reforma agrária em Minas Gerais – MST/MG e 3. Formação de educadores populares e gestores educacionais em EJA nas áreas de reforma agrária em Minas Gerais – FETAEMG, visavam contribuir para a formação de educadores e gestores educacionais para atuarem na educação de jovens e adultos e para trabalharem na identificação de demandas locais e organização de projetos em EJA nas áreas de reforma agrária no estado.

O programa mostrou a existência de um vácuo na oferta de Educação de Jovens e Adultos nas áreas de reforma agrária em várias regiões do estado de Minas Gerais. Desde o fechamento das cerca de 100 turmas ofertadas pelo projeto *Educação, campo e consciência cidadã* em 2010, pode-se verificar a ausência de oferta desta modalidade de ensino nestas áreas. Algumas, sobretudo na região norte do estado de Minas Gerais, foram contempladas com projetos vinculados ao MOVA Brasil⁶ no ano de 2011.

6 Inspirado no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), criado por Paulo Freire, o projeto MOVA-Brasil implementa ações de alfabetização em parceria com instituições locais em 10 estados brasileiros. Para maiores detalhes ver: <http://www.institutopaulofreire.org>.

Nos Ciclos de Formação realizados, a discussão sobre educação de jovens e adultos ganhou dupla dimensão: denúncia acerca da ausência e/ou descontinuidade nas ações, projetos, salas de aula voltadas para a EJA e a proposição de diretrizes e demandas. As questões que orientaram os ciclos foram as seguintes: Existe demanda para EJA nos assentamentos/acampamentos de reforma agrária? Qual o perfil dessa demanda? (mais jovens, mais velhos, é preciso ser criada...) Quais concepções de EJA dariam conta deste perfil? Qual metodologia? Qual educador? O que e como fazer?

As ações do programa permitiram retomar o debate sobre a EJA do campo nos espaços sociais e institucionais onde professores, alunos universitários, educadores das áreas de reforma agrária e representantes dos movimentos social e sindical atuam, fortaleceu a mobilização por parte dos representantes dos movimentos social e sindical na busca de ações e projetos que possam responder às demandas de escolarização e formação de jovens e adultos levantadas nas discussões ocorridas nos ciclos de formação. Um projeto com objetivo de abrir 24 turmas de alfabetização e escolarização de jovens e adultos em áreas de reforma agrária vinculado ao MST-MG, ofertando 480 vagas, foi apresentado ao PRONERA/MDA e aguarda financiamento.

2.2 A pesquisa

A participação dos integrantes desse Núcleo em atividades de extensão, pesquisa e ensino sempre se colocou como

um desafio diante do princípio da indissociabilidade, como explicitado anteriormente, entre essas três dimensões do fazer universitário, impulsionado por uma constante crítica à tendência histórica de hierarquização e desigualdade no tratamento e valoração dessas dimensões. Os integrantes do NEPEJA percebiam esse princípio como um *devoir*, o que exigia constante crítica e reflexão (BRANDÃO *et al.*, 2011).

Nesse exercício constante de ação – reflexão – ação, os projetos de pesquisa foram propostos e enfrentaram o desafio de se articular com a extensão e de se realizar junto com os movimentos sociais, prática que havia sido construída na extensão universitária. Os resultados dessas pesquisas institucionais (SILVA; COSTA, 2014; SILVA; MUSIAL; MACEDO, 2016), coordenadas pelo Departamento de Educação da UFV e com a participação direta do NEPEJA e de alguns integrantes de movimentos sociais, se dedicaram à compreensão dos limites, desafios e potencialidades do desenvolvimento dos projetos no interior do PRONERA.

Dos quatro projetos de pesquisa desenvolvidos no interior do NEPEJA, dois foram sob a coordenação geral do departamento de educação da UFV e os outros dois sob a coordenação de professores do Núcleo. O projeto *Observatório da Educação do Campo – Práticas de educação de Jovens e Adultos, Letramento e Alternâncias educativas* teve como parceiros os programas de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa, da Universidade Federal de São João del-Rei e da Universidade do Estado de Minas Gerais, os núcleos de pesquisa ECARA (UFV) e NEPEJA (UEMG), os movimentos sociais e sindicais

do campo – MST/MG, FETAEMG, MAB. O objetivo geral era implementar um programa de pesquisa articulado em rede, por meio de levantamento sistemático de dados e análises sobre as experiências em EJA presentes no campo, dando ênfase às práticas educativas, aos processos de alfabetização e letramento e às dinâmicas pedagógicas construídas no interior destas experiências. No livro *Educação do Campo: Práticas em Educação de Jovens e Adultos, Formação de Professores e Alternâncias Educativas*, organizado por Silva, Musial e Macedo (2016), pode ser visto parte dos resultados produzidos por este projeto.

O Programa de estudos *Educação de Jovens e Adultos em Áreas de Reforma Agrária em Minas Gerais: os processos educativos gestados no Projeto ‘Educação, Campo e Consciência Cidadã’*, também coordenado pela UFV, realizado no período de 2008 a 2010, buscou sistematizar e analisar a experiência do projeto de extensão supracitado. Um dos grandes desafios enfrentados por este programa foi o da construção da interface extensão – pesquisa. Ao mesmo tempo, as análises elaboradas permitiram suprir a escassez de informações sistematizadas sobre o Projeto, e ainda “avaliar as condições e resultados de suas experiências educativas, principalmente em termos das potencialidades e limites dos processos pedagógicos e das dinâmicas de parceria construídas” (SILVA; COSTA, 2014, p. 26). O livro *Educação de Jovens e Adultos do Campo*, organizado por Silva e Costa (2014) apresenta os resultados deste programa de estudos.

O projeto de extensão em interface com a pesquisa *Trabalho, Educação de Jovens e Adultos e Formação Profissional em Áreas de Reforma Agrária no Estado de Minas Gerais*, coordenado pelo NEPEJA, financiado pela FAPEMIG, teve como objetivo a formação de educadores e gestores educacionais para atuarem na identificação de demandas locais e organização de projetos de Educação de Jovens e Adultos vinculados ao processo de escolarização e educação profissional nas áreas de reforma agrária. Os procedimentos metodológicos utilizados nas atividades realizadas com educadores e gestores buscaram articular ensino e pesquisa, entendendo-os como elementos indissociáveis no processo de formação docente. O processo de formação dos educadores populares e gestores educacionais foi organizado em dois Ciclos de Formação. Identificou-se juntamente com os 40 educadores participantes dos Ciclos de Formação as necessidades de formação e escolarização presentes nas comunidades onde atuam e vivem. De posse destes dados sistematizados, aliados a dados coletados junto ao INEP/MEC e INCRA, a ação foi dirigida para o estímulo dos educadores e gestores educacionais para atuação como mobilizadores e organizadores das comunidades para as questões pertinentes à EJA e a EJA integrada à formação profissional.

O projeto de pesquisa *Confrontação de saberes na experiência escolar de estudantes trabalhadores/as em cursos de EJA*, também coordenado pelo NEPEJA, propôs como temática investigativa a confrontação de saberes em experiências formativas de pessoas jovens e adultas, cujo patrimônio pessoal de saberes constituiu-se fora da

escola, em especial no mundo do trabalho. Estas pessoas, ao ingressarem em cursos de EJA, programas e projetos de qualificação profissional, deparam-se com um patrimônio de saberes de outra natureza, com características próprias da instituição responsável pela sua socialização, isto é, a Escola. Para analisar esta confrontação entre saberes escolares e saberes produzidos no trabalho, o projeto teve como foco os saberes e valores ligados ao trabalho, mobilizados por trabalhadores e trabalhadoras em interação na sala de aula. Dentre os resultados encontrados, destaca-se o indício de que as experiências das mulheres frequentadoras dos cursos de EJA analisados são de trabalho precário, em consonância com dados nacionais sobre a participação feminina no mercado de trabalho no Brasil. Muitas das mulheres estudantes de EJA atribuem a si mesmas toda a responsabilidade pelas condições precárias de trabalho em que viveram e vivem e culpabilizam-se por não terem a escolaridade básica completa. Consideram a falta da certificação escolar a principal ou mesmo a única causa de suas experiências de trabalho precário. Diante disso, a sala de aula de EJA é, para muitas, o único espaço de problematização destas experiências para a compreensão das relações sociais que constituem o trabalho humano. Dos projetos realizados, este é o único que não aconteceu em áreas de reforma agrária, representando um avanço no escopo de atuação do núcleo em direção à EJA nos espaços urbanos.

Recentemente, o NEPEJA desenvolve o programa de extensão e pesquisa intitulado *Trabalho, Políticas Públicas, Juventudes e Aprendizagem em Educação de Jovens e*

*Adultos do campo e da cidade*⁷, que tem como objetivo promover ações e estudos em torno de experiências de Educação de Jovens e Adultos presentes no meio urbano e rural do estado de Minas Gerais, dando ênfase às dimensões das práticas educativas em sua interface com trabalho, políticas públicas, juventude e aprendizagem. Dentre os projetos elaborados, destacam-se o projeto de extensão *Olhares juvenis sobre as políticas de elevação de escolaridade* e o projeto de pesquisa *Alfabetização e Letramento Popular de Jovens e Adultos: a metodologia “Sim, eu posso” em áreas de Reforma Agrária em Minas Gerais*. Espera-se que este programa possa fortalecer as ações extensão, pesquisa e ensino que vêm sendo desenvolvidas pelo NEPEJA e contribuir para consolidar um conjunto de produções em torno da EJA.

3 Considerações finais

Olhando para esses quase vinte anos de trajetória, percebe-se o quão rica e profícua foi a produção do NEPEJA. Para além dos textos, relatórios, artigos, livros, teses e

7 O NEPEJA amplia a discussão sobre a juventude, tanto rural quanto urbana, a partir da entrada de novos professores efetivos, possibilitada pelo concurso realizado em decorrência da declaração de inconstitucionalidade da lei 100 pelo Supremo Tribunal Federal. A temática da juventude em sua interface com a escolarização tornou-se um dos eixos de trabalho.

dissertações⁸, frutos deste caminhar de professores e estudantes, percebe-se um conjunto de aprendizados que, por meio das atividades extensionistas e pesquisas relacionadas, possibilitaram a inserção da UEMG no debate sobre a reforma agrária e defesa da educação de jovens e adultos do campo, na perspectiva de colocá-la a serviço da busca de superação das desigualdades sociais e educacionais. Dessa maneira, a Universidade se coloca num campo de possibilidades, de transformação social e de construção coletiva, tendo como referência os desafios e problemas concretamente vividos pelos homens e mulheres do campo, mais especificamente aqueles marcados pela luta pela reforma agrária.

A construção coletiva e em diálogo permanente com movimentos sociais possibilitou a realização de projetos e programas que partiam da análise coletiva dos problemas e potencialidades da EJA nos acampamentos e assentamentos para a construção de propostas que pudessem dar sentido e direção às experiências até então vividas.

Atualmente, o NEPEJA reafirma o compromisso do fortalecimento do ensino, pesquisa e extensão, sem hierarquização destas dimensões; da busca pela educação dos jovens e adultos que não tiveram acesso à educação em uma perspectiva freiriana; da educação do campo e dos sujeitos que

8 Além do acervo fotográfico e digital, descrito no item 2.1, vários estudantes, professores que atuaram no NEPEJA produziram artigos, teses, dissertações a partir das experiências vivenciadas nos projetos e programas descritos. O levantamento destas produções foi realizado, em parte, nas atividades desenvolvidas no Observatório da Educação do Campo. Faz-se necessária a atualização.

lutam pelo direito à terra, trabalho e educação; juventude e escolarização. Espera-se contribuir, assim, para a consolidação da UEMG como uma universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada.

Referências

ARROYO, Miguel. Prefácio: interrogações que vêm da educação do campo. *In*: ÂNGELO, Aline; ANDRADE, Elizete; BRANDÃO, Nágela.

Educação do Campo: diálogos com a extensão universitária. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017.

BRANDÃO, Nágela A; COSTA, Vânia. A., Monteiro, Márcia H.N., MUSIAL, Gilvanice B. S., RESENDE, Roberto, M., ROSA, Walquíria M. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos – NEPEJA: uma experiência de interface extensão e pesquisa.

Educação em Foco. FaE/UEMG, v.n.18, p.15-38, 2011.

BRANDÃO, Nágela; COSTA, Vânia; MUSIAL, Gilvanice. Gestão no projeto “Educação, campo e consciência cidadã”: limites e desafios. **Educação em Foco.** FaE/UEMG, n. 10, p. 25-32, 2007.

GODINHO, Ana Cláudia Ferreira; NORONHA, Ana Catharina Mesquita; BRANDÃO, Nágela Aparecida. Contribuições do pensamento freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na educação de jovens e adultos. **Inter-ação** (UFG. Online), v. 1, p. 20-36, 2017.

MELO NETO, Jose Francisco. **Extensão universitária** – uma avaliação de trabalho social. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB. 1997.

MUSIAL, Gilvanice; BRANDÃO, Nágela; COSTA, Vânia. Educação de jovens e adultos no contexto da educação do campo: um diálogo com Paulo Freire. *In*: ÂNGELO, Aline; ANDRADE, Elizete; BRANDÃO, Nágela. **Educação do Campo: diálogos com a extensão universitária.** Belo Horizonte: EdUEMG, 2017.

MUSIAL, Gilvanice *et al.* **Reconstrução da memória do projeto educação, campo e consciência cidadã.** XVII Congresso Ibero americano de Extensión Universitaria, Cidade do México, 19 a 22 de novembro de 2013.

ROSA, Walquíria Miranda; BRANDÃO, Nágela; MONTEIRO, Márcia Helena Nunes; GODINHO, Ana Cláudia Ferreira; MUSIAL, Gilvanice; REZENDE, Roberto Márcio; MICONI, Enelice. **Formação de educadores populares e gestores educacionais em educação de jovens e adultos nas áreas de reforma agrária em Minas Gerais.** XVII Congreso Iberoamericano de Extensión Universitaria, Cidade do México, 19 a 22 de novembro de 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar. **A universidade no século XXI: por uma universidade nova.** Coimbra, 2008. Disponível em: <<https://ape.unesp.br/pdi/execucao/artigos/universidade/AUniversidadenoSeculoXXI.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

SILVA, Lourdes H.; COSTA, Vânia A.; ROSA, Walquíria M. A. Educação de Jovens e Adultos em áreas de reforma agrária: desafios da formação de educadores do campo. **Revista Brasileira de Educação**, v.16. p.49-66, 2011.

SILVA, Lourdes H.; COSTA, Vânia A. (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos do Campo: O Projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã.** Barbacena: EdUEMG, 2014.

SILVA; MUSIAL; MACEDO. **Educação do Campo: Práticas em Educação de Jovens e Adultos, Formação de Professores e Alternâncias Educativas.** Barbacena: EdUEMG, 2016.

**Cemitério do Bonfim: Arte,
História e Educação Patrimonial: a
experiência das visitas guiadas**

Marcelina das Graças de Almeida

Introdução

O Cemitério do Bonfim, situado na capital mineira, vem desde o ano de 2012 sendo palco de uma atividade voltada para a educação patrimonial. Esta ação se constitui nas “Visitas Guiadas ao Bonfim”. Resulta de um termo de cooperação técnica assinado entre a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); a Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica (FPMZB) e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA). A parceria se consolida através do documento assinado, inicialmente, no ano de 2013 com validade para 5 (cinco) anos e renovado no ano de 2018, consubstanciando o esforço em promover a educação patrimonial na cidade de Belo Horizonte e considerando a necrópole como objeto principal de estudo.

O capítulo a seguir apresenta um balanço das atividades realizadas desde sua idealização nos idos de 2012, dando ênfase, contudo, ao ano de 2018 e destacando o planejamento para o ano de 2019, bem como as realizações que se avolumam, na medida em que há um calendário de trabalhos em modo ativo e permanente.¹

O Cemitério do Bonfim é um espaço singular na cidade de Belo Horizonte. Abriga um acervo raro, naquilo que diz respeito a um modo de culto aos mortos, bem como à produção artística e à história da capital mineira e de seus habitantes.

Para que possamos compreender a história e a trajetória do projeto, iremos adotar a seguinte organização do texto: em um primeiro momento, iremos situar o Cemitério do Bonfim e sua relação com a história da capital mineira e, posteriormente, será apresentado o projeto referente às visitas guiadas e indicar como uma atividade extensionista promovida pela Universidade do Estado de Minas Gerais tem atuado como ação educativa no âmbito social e promovido a diferença e ajudado a promover espaços não-formais em lugares de educação, apreciação plástica e lazer.

1 As atividades que se realizam como visitas mediadas ao Cemitério do Bonfim integram o projeto, de caráter extensionista e de pesquisa, intitulado “Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial”, coordenado pela docente Marcelina das Graças de Almeida.

O Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial

O Cemitério do Bonfim foi inaugurado no dia 08 de fevereiro de 1897 e é parte do projeto de planejamento e construção da nova capital mineira. O Bonfim, ou o Cemitério Municipal, foi o único da cidade até o ano de 1941, ocasião em que foi construído e inaugurado o Cemitério da Saudade, uma necrópole, também gerida pelo poder público municipal. O cemitério está situado na região noroeste da cidade, no bairro de mesmo nome: Bonfim (FIGURA 1) (ALMEIDA, 2007; 2004).

O Bonfim registra uma história instigante que pode ser lida através do acervo arquitetônico e artístico nele abrigado, bem como pelas histórias dos personagens que ali habitam, não importando que sejam calcadas na realidade ou perpassem pelo caráter das lendas urbanas e da imaginação popular (ALMEIDA, 2007; 2004; 1998; 1997; 1996).

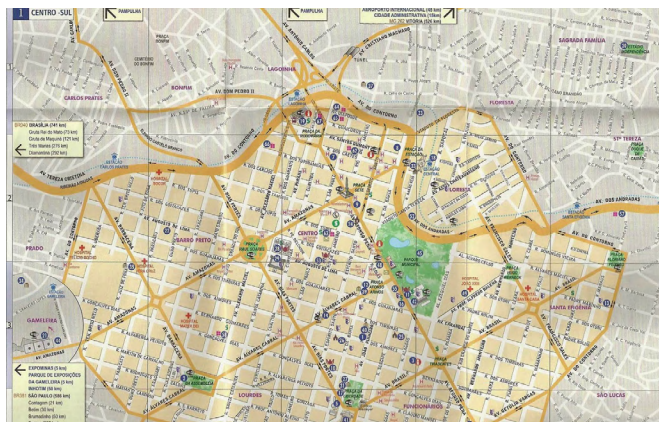
O cemitério municipal foi inaugurado alguns meses antes da inauguração oficial da capital mineira que, oficialmente, nasceu em 12 de dezembro daquele mesmo ano. Antes que o novo espaço para a morte ficasse pronto, um cemitério provisório foi construído ao lado da Capela do Rosário², no espaço central da nova cidade que se encontrava em processo de construção. Ele nasceu alguns meses antes da inauguração da capital mineira e, durante mais de 05

2 A Capela do Rosário existe até os dias de hoje e se localiza no cruzamento das Avenidas do Amazonas, Rua dos Tamoios e Rua São Paulo.

(cinco) décadas foi o único espaço para sepultamento na cidade (BARRETO, 1995; 1950; 1936; 1928).

Na ocasião de seu nascimento, constituiu-se como um espaço laico, ou seja, nascido na confluência das mudanças políticas e sociais que se instauraram no Brasil no contexto do fim do século XIX, incorporando em sua organização e estruturação os elementos discursivos da modernidade, da secularização e laicização da morte. Diante dessas circunstâncias, o Cemitério do Bonfim guarda uma história que perpassa a arte, a religião, a arquitetura, as lendas urbanas, as histórias de fantasmas dentre outros aspectos que são explorados durante o percurso das visitas guiadas (ALMEIDA, 2016; 2018).

Figura 1: Mapa da cidade de Belo Horizonte



A área em destaque aponta para a localização do Cemitério do Bonfim na área suburbana da capital mineira.

Fonte: Belotur, 2019.

Incursões e visitas ao espaço cemiterial se realizam há anos, contudo, formalmente se constituíram a partir do ano de 2012. As atividades acontecem no último domingo de cada mês, entre fevereiro e novembro. São gratuitas e abertas ao público em geral, que pode se inscrever através de telefone ou e-mail. As ações que viabilizam o projeto são compartilhadas entre as instituições envolvidas, ou seja, cabe a cada parceria uma parcela de contribuição para que o processo se realize. A Fundação de Parques é responsável por franquear a entrada da equipe e dos visitantes, realizar a inscrição dos interessados, enviar certificado digital de participação àquele que, efetivamente, comparecer, assinar a lista de presença e tomar parte das ações propostas. É responsável, também, por auxiliar na construção do material de divulgação e distribuição dos calendários que são, sempre, decididos em comum acordo com a equipe da UEMG (ALMEIDA, 2016; 2018; MAGALHÃES *et al.*, 2016).

Cabe à UEMG, por meio da coordenação da pesquisadora e docente da Escola de Design, Marcelina das Graças de Almeida, atender aos visitantes, propor os roteiros a serem construídos e explorados durante as visitas, além de buscar meios e formas de divulgar, cientificamente, os resultados da ação educativa, participando de congressos, encontros, seminários e outros eventos, nos quais possam ser articuladas discussões que ampliem as noções conceituais de termos como: patrimônio, patrimônio cultural e educação patrimonial (ALMEIDA, 2018).

Outro aspecto importante é a busca contínua pela formação de outros pesquisadores e, junto com a atividade

extensionista, o incentivo à formação de jovens pesquisadores através da inscrição nos editais em busca de bolsas de iniciação científica. Assim, a compreensão e o mapeamento do espaço cemiterial são apresentadas junto aos editais de fomento e, desde então, uma variedade de propostas investigativas transpassam as ações extensionistas, servindo como suporte, para que esta última possa acontecer de forma eficiente e eficaz (ALMEIDA, 2018).

Para auxiliar a eficácia da proposta que engloba as visitas, o IEPHA, além de buscar meios e recursos que possibilitem o cuidado, a preservação e o restauro do bem tombado que compõe o cenário do Cemitério do Bonfim, que é o edifício do antigo Necrotério, auxiliar na criação de cartilhas e orientações que permitam à equipe da UEMG orientar de forma apropriada os visitantes sobre os procedimentos mais adequados para conservação dos jazigos, bem como o uso dos produtos químicos específicos e as ações que podem e devem ser tomadas para que o bem material tenha uma boa durabilidade (ALMEIDA, 2018).³

3 Vale acrescentar que, nesse rol de parcerias, durante o ano de 2018 e segundo semestre de 2019, o Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte, instituição de ensino superior de caráter privado, através da concessão de uma bolsa de produtividade à coordenadora do projeto, possibilitou a construção de um guia turístico a ser disponibilizado para a população em geral, bem como a produção de material didático a ser ofertado para as instituições de ensino público e privado da sociedade belorizontina.

Figura 2: Antigo Prédio do Necrotério



Fonte: Projeto Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial, Zé Rocha.

Todas as ações que se realizam no espaço cemiterial, vinculadas ao projeto das visitas guiadas, são devidamente documentadas através da captura de imagens, bem como das listas de presença para que seja registrada a memória das atividades realizadas através do projeto, visando a constituição de fontes para estudos futuros. O QUADRO 1 ilustra o fluxo de visitantes durante o ano de 2018:

Quadro 1: Fluxo de visitas guiadas ano 2018

ANO	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	TOTAL
2018	16	70	24	18	06	37	20	24	*	11	226

*No mês de outubro não se realizaram as visitas guiadas em razão do pleito eleitoral.

Fonte: autoria própria.

Para divulgação e organização das visitas, foi preparado o calendário anual, referente ao ano de 2018, em parceria com a Fundação Municipal de Parques e Zoobotânica (FIGURA 3).

Figura 3: Folder para divulgação do calendário de visitas guiadas ao Cemitério do Bonfim, 2018



**VISITA GUIADA
CEMITÉRIO DO
BONFIM**

CALENDÁRIO DE VISITAS 2018
(um domingo por mês, com início às 9h)

25/2	25/3	29/4	27/5	24/6
29/7	26/8	30/9	28/10	25/11

INSCRIÇÕES:
(31) 3277-9699 (Sônia) | agenda.visitasbonfim@pbh.gov.br
Rua Bonfim, 1.120 | Linha de ônibus 4114 (Bonfim)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS | EPHEPA | CULTURA | MINAS GERAIS
PARQUES E ZOOBOTÂNICA | PREFEITURA DE BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA BEM PÚBLICO

Fonte: Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica, 2018.

Além das visitas habituais, que acontecem aos fins de semana, sempre que possível, é realizado o atendimento das instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, tais como: Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte, curso de História; Colégio São Paulo da Cruz,

Curso de Conservação e Restauro da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Colégio Pitágoras, Colégio Santa Marcelina, Escola Estadual Jovem Protagonista, dentre outras. O processo de atendimento é sempre o mesmo: a equipe da UEMG, coordenada pela pesquisadora-docente, abre um espaço na agenda e, gratuitamente, atende ao público interessado sempre com a proposição de disseminar conhecimento e propor a apreciação e entendimento de que lugares como os cemitérios são plenos de possibilidades, basta que estejamos atentos para os sinais (ALMEIDA, 2018; 2016).

Durante o ano de 2018, algumas ações foram cruciais para a promoção desta ação extensionista. Destacamos a participação na Semana do Conhecimento, organizada pela Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte, com a apresentação de comunicação intitulada: “O lugar dos mortos na capital mineira: o Bonfim e a cidade, histórias cruzadas – a experiência das visitas guiadas”. Na oportunidade, foi possível apresentar o andamento das ações e debater sobre os resultados e possibilidades para ampliação das atividades (ALMEIDA, 2018).

Importante, também, foi o convite da equipe do Serviço Social do Comércio de Minas Gerais (SESC/MG), para participação no projeto “Roteiros Inovadores”, realizando uma visita com o tema: “A presença feminina no espaço cemiterial – destaque para a Loira do Bonfim”. O evento teve uma boa repercussão e a atividade se realizou, também, no segundo semestre do ano de 2018, tendo como

pressuposto básico, sensibilizar os profissionais do Turismo para a inclusão do espaço cemiterial nas rotas culturais da cidade (ALMEIDA, 2018).

Esse tema foi, igualmente, debatido durante a palestra realizada para discentes durante a V Jornada Acadêmica Intercursos e XIII Semana de Letras promovida pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA BH). Dentro desta perspectiva de divulgação do projeto e da ampliação das discussões acerca do potencial turístico do Cemitério do Bonfim, à convite da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte S/A (BELOTUR), foi ministrado um minicurso com duração de 16 horas/aula para guias de turismo interessados na temática. A ementa do curso pode ser traduzida da seguinte forma: “A proposta visa, através da compreensão da história da cidade de Belo Horizonte, estabelecer as conexões com a trajetória histórica do Cemitério do Bonfim, primeira necrópole da capital mineira, e, assim construir roteiros turísticos que permitam explorar o potencial cultural e turístico do espaço cemiterial”. A adesão foi significativa e, para além das aulas teóricas, foram realizadas aulas práticas no espaço do Cemitério do Bonfim, permitindo que cada participante pudesse repensar as possibilidades de construção dos roteiros de maior interesse em sua prática profissional (ALMEIDA, 2018).

Destaca-se, também, o convite para participar do evento *Modernos e Eternos* que nas edições dos anos de 2018 e 2019, ao dar destaque às discussões sobre design, moda e arquitetura na capital mineira possibilitou a ênfase ao

acervo artístico que se abriga no Cemitério do Bonfim. e nesse sentido foi possível dar ênfase ao acervo artístico que se abriga no Cemitério do Bonfim.

Ao debater sobre o caráter educativo que caracteriza o projeto, no 10º Seminário Mestres e Conselheiros: agente multiplicador do patrimônio, realizado entre os dias 29 a 31 de agosto do ano de 2018, e, na ocasião apresentamos a comunicação: “Itinerários da memória: o cemitério como espaço de educação patrimonial”, inscrito no edital da 4ª Edição do Prêmio Mestres e Conselheiros/2018, ficamos em segundo lugar da edição (ALMEIDA, 2018).

Nesse mesmo ano, consolidando-se como um empreendimento de sucesso, uma ação educativa que repercute de maneira positiva e relevante para a cidade e seus habitantes, um novo convite foi feito, pela Coordenação Geral da Política de Educação Básica Integral e Integrada, Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, para que pudéssemos participar da atividade educativa intitulada “Diálogos Abertos com a Capital”, realizado entre os dias 04 a 06 de setembro. Várias escolas do interior de Minas Gerais, de cidades diferentes, foram atendidas pelo projeto (FIGURA 4).

Figura 4: Visita de uma escola do interior de Minas Gerais, Diálogos Abertos com a capital, 2018



Fonte: Projeto Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial, autoria própria.

Todos os eventos anteriormente arrolados permitem compreender a relevância e a necessidade da proposição de ações educativas com vistas à educação patrimonial, compreendendo que o ato educativo se realiza tanto nos espaços formais escolares quanto nos espaços não-formais e, nesse sentido, o cemitério, para além de inusitado, revela-se como um lugar privilegiado para se pensar questões relacionadas à dimensão da morte, em toda sua complexidade, bem como outros temas e interesses⁴.

4 **Conceitos Gerais de Educação Patrimonial.** Disponível em: <<http://www.ipac.ba.gov.br/preservacao/conceitos-gerais>>. Acesso em: 18 out. 2019.

**As ações educativas que estão
em *perpetuum mobile*: educação
como transformação**

Para o ano de 2019, as ações relativas às visitas guiadas foram planejadas e estão sendo conduzidas dentro da mesma perspectiva sob a qual se constituiu sua gênese, ou seja, constitui-se como um projeto extensionista voltado para o atendimento ao público, em sua generalidade, e, ao mesmo tempo, traduz-se como uma atividade que preza pela formação do pensamento conectado para as discussões relativas ao sentido do patrimônio e da educação patrimonial.

A ideia é dar continuidade ao atendimento ao público interessado, seguindo a mesma metodologia que foi proposta desde o início do projeto, há quase 08 (oito) anos, contudo estamos acrescentando a proposição dos roteiros específicos, que exploraram temas ligados à arte, religião, esporte, gênero, ruas e celebridades, para cada dia de visita e que foram colocados em prática durante o ano de 2018. A recepção foi positiva e, de algum modo, tem contribuído para estimular a longevidade do projeto (MEYER, 2019).

Figura 5: Cartaz de divulgação do calendário do projeto das visitas guiadas, ano 2019

VISITA GUIADA
CEMITÉRIO DO BONFIM
História, Arte, Memória e Patrimônio

Venha conhecer esse museu a céu aberto e descubra os mistérios de sua construção e o significado de suas obras de arte.

CALENDÁRIO DE VISITAS 2019
(um domingo por mês, com início às 9h)

17/2	31/3	28/4	26/5	30/6
14/7	25/8	29/9	27/10	24/11

INSCRIÇÕES:
(31) 3277-7286 | agenda.visitasbonfim@pbh.gov.br
Rua Bonfim, 1.120 | Linha de ônibus 4114 (Bonfim)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARANÁ - UEPAR
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
PARQUES E ZOOBOTÂNICA
PREFEITURA DE BELÉM - ARQUITETO

Fonte: Fundação de Parques Municipais e Zootônica, 2019.

O calendário das visitas deste ano (FIGURA 5) se realiza a partir da aplicação dos roteiros e rotas que foram preparados tomando como base as investigações realizadas e as demandas formuladas pelos visitantes que, a partir da própria experiência vivida, efetivamente, se sente à vontade para sugerir e propor novas rotas. De fevereiro a outubro, foram propostos e realizados os seguintes itinerários: artes e artistas; a presença feminina; visitando os heróis no Bonfim; signos-a linguagem simbólica; personagens e personalidades; religião e religiosidade e imigração e imigrantes no espaço cemiterial.

Além da condução das visitas, a participações em eventos para divulgação e multiplicação dos objetivos do projeto se realizaram, devendo ser destaque a apresentação da comunicação intitulada *Cemitério do Bonfim: arte, história e educação patrimonial – uma experiência em curso* durante o IV Congresso Interdisciplinar de Pesquisa, Iniciação Científica e Extensão Izabela Hendrix, ocorrido entre os dias 22 e 25 de abril do corrente ano. Nessa mesma ocasião atendendo o convite da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, através da Pró-reitoria de Extensão, foi ministrada uma palestra para os discentes envolvidos no evento Aspectos Éticos e Legais na Assistência à Pessoa em Processo de Morte e seus Familiares. Devemos registrar, também, a apresentação dos resultados das atividades referentes ao projeto durante o IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), sediado no Centro Histórico Cultural da Santa Casa, em Porto Alegre, entre os dias 24 e 27 de julho⁵. O mesmo deve ser destacado através da participação no 30º Simpósio Nacional de História da Associação Nacional de História (ANPUH), realizado entre os dias 15 a 19 de julho de 2019 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife/PE, ocasião em que foi apresentado o artigo intitulado *Itinerários da Memória: o cemitério como espaço simbólico da paisagem da cidade – o Cemitério do Bonfim e a capital mineira*. Em todas as apresentações, o objetivo foi divulgar o projeto, apresentar resultados e estabelecer trocas e parcerias com outros pesquisadores e instituições.

5 A participação no evento foi subsidiada, parcialmente, com recursos do PAPEV, Programa de Apoio à Participação de Professores em Eventos no País e no Exterior, através do Edital nº. 03/2019, PROPPG.

Paralelamente, as escolas e outras instituições de ensino permanecem sendo atendidas, para além do calendário oficial, demonstrando sua atualidade, pertinência e eficácia junto ao público interessado.

Considerações finais

Desde o início do projeto até a atualidade é possível afirmar que muitas coisas mudaram, em relação ao Cemitério do Bonfim. Dentre elas, destacamos:

1. O crescente interesse da população no tocante à participação nas visitas;
2. O recorrente interesse dos meios de comunicação pelas atividades e, portanto, a divulgação em jornais e revistas impressos e eletrônicos, bem como na mídia televisiva;
3. O interesse dos proprietários de túmulos para o cuidado e zelo em relação às suas sepulturas;
4. O aumento crescente de pesquisas que envolvem os cemitérios municipais;
5. A integração do cemitério como equipamento urbano importante para se pensar a história da cidade e seu lugar como espaço de memória, história e turismo.

As atividades realizadas no Cemitério do Bonfim proporcionam a construção de identidades, auxiliam a construção do pensamento e ação no tocante à preservação e políticas de tombamento e a necessidade de se refletir, de maneira concreta, acerca do cuidado com a memória coletiva, bem como da memória individual.

Através do projeto de extensão e pesquisa, tem sido permitida a inserção do Cemitério do Bonfim no espaço cultural, artístico e turístico da cidade destacando o relevo dessa iniciativa que, concomitantemente, destaca-se como atividade pedagógica, educando para o futuro, pensando sobre o passado e estimulando, no presente, as iniciativas para a preservação.

Referências

- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO** Cemitério do Bonfim: Arte, História e Educação Patrimonial Visitas Guiadas RELATÓRIO ATIVIDADES Biênio 2016/2017. Belo Horizonte: Escola de Design/UEMG, 2018.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial. **Revista M**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.213-230, jan/jun. 2016.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **PROJETO DE EXTENSÃO Passeio pelo Bonfim** - visitas guiadas RELATÓRIO 2012/2013. Belo Horizonte: Escola de Design/UEMG, 2013.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Morte, Cultura, Memória: Múltiplas Interseções** – Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. 404 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Memórias, lembranças, imagens: o cemitério. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 1, p. 105-122, junho 2004.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. O Cemitério do Bonfim: a morte na capital mineira. **LOCUS Revista de História**. Juiz de Fora, nº. 2, v. 4, 1998, p. 131-142.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de Almeida. Belo Horizonte, Arraial e Metrópole: memória das artes plásticas na capital mineira. In: RIBEIRO, Marília Andrés; SILVA, Fernando Pedro da. (org.) **Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora C/ARTE / Fundação João Pinheiro / Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. Coleção Centenário.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A Catedral da Boa Viagem: Fé, Modernidade e Tradição. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.) **BH Horizontes Históricos**. Belo Horizonte: C/ARTE Editora, 1996.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte Memória Histórica e Descritiva História Média**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

BARRETO, Abílio. **Resumo Histórico de Belo Horizonte (1701-1947)**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1950.

BARRETO, Abílio. **Bello Horizonte Memória Histórica e Descritiva História Antiga e Média**. Bello Horizonte: Edições da Livraria Rex, 1936.

BARRETO, Abílio. **Bello Horizonte Memória Histórica e Descritiva**. Bello Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Geraes, 1928.

Conceitos Gerais de Educação Patrimonial. Disponível em: <<http://www.ipac.ba.gov.br/preservacao/conceitos-gerais>>. Acesso em: 18 out. 2019.

MEYER, Mônica. Passeio pelos cemitérios. **Estado de Minas Caderno Turismo**. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/turismo/2019/10/15/interna_turismo,1092138/passeio-pelos-cemiterios.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social>. Acesso em: 18 out. 2019.

MAGALHÃES, Júlia Mafra *et al.* **Relatório de Pesquisa PAPq/UEMG Edital 02/2016**. Belo Horizonte, ED/UEMG, 2016.

Interação de saberes na Semana UEMG

Márcia Helena Batista Corrêa da Costa

Viviane Gontijo Augusto

Elvis Aparecido Gomes Ferreira

Introdução

A Semana UEMG, criada em 2011, é um evento de natureza extensionista e de divulgação das ações da Universidade do Estado de Minas Gerais, o que possibilita e provoca diálogos no interior das Unidades Acadêmicas e da instituição de modo geral, também com as comunidades externas, movimentos sociais, associações, grupos e instituições públicas. As atividades desenvolvidas nesse evento viabilizam a escuta de impressões, concepções e vivências, gerando troca de conhecimentos, linguagens e narrativas. Boaventura de Souza Santos (1989) refere-se à necessidade de um reposicionamento da ciência, posicionando-se aberta ao diálogo de saberes. O autor se refere a uma ciência prudente e a um senso comum esclarecido. As ações desenvolvidas favorecem o mais importante diferencial da

UEMG em relação a outras universidades, uma interlocução mais próxima da academia com a sociedade.

O evento é aberto à participação de estudantes e professores de outras instituições, inclusive secundaristas, de organizações civis diversas e da sociedade em geral. No âmbito da comunidade acadêmica, o intercâmbio de experiências entre docentes, discentes e funcionários técnico-administrativos é bastante intensa. Verifica-se, portanto, que o evento gera uma movimentação interessante nas cidades onde se situam as Unidades da UEMG no estado de Minas Gerais.

Na Unidade Divinópolis, a equipe sob a coordenação dos responsáveis pelas ações de extensão e pesquisa – Coordenações Integradas de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação (CIEPP) – desenvolveu experiência interessante e inovadora em perspectiva interdisciplinar nos anos de 2015 e 2017. Integrando as atividades realizadas na Semana UEMG, nos anos de 2015 e 2017, a equipe realizou o 11º e 12º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão, sendo esse último com publicação de livro do evento¹. O tema do 11º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão foi o mesmo da 4ª Semana UEMG, “Diversidade e afrodescendência: interações, mediações e (re)conhecimento”. A discussão do tema foi relevante, pois posiciona a comunidade acadêmica no centro do debate. O esforço foi de buscar compreender as interações que a questão estabelece nas

1 UEMG UNIDADE DIVINÓPOLIS. 12º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão. 1. ed. **Anais...** Divinópolis, 2017.

áreas da saúde, da educação, da comunicação, das ciências exatas e suas aplicações. O propósito foi criar ambiente de reflexão sobre o tema e mediar pontos de vista em torno de questões como tolerância, reconhecimento, acesso a políticas públicas e educação para a diversidade. Houve um esforço de valorizar as manifestações culturais afrodescendentes, tanto nas abordagens feitas nas atividades como nos convites aos atores externos que atuaram durante a semana.

A experiência da 4ª Semana UEMG realizada em 2015 foi bastante instigante. O evento gerou significativa movimentação de propostas e de atividades nas Unidades que compõem a Universidade. Na Unidade Divinópolis, a organização das atividades resultou da integração entre áreas do conhecimento, em uma tentativa de se atuar interdisciplinarmente por meio de reuniões, diálogos e de rica avaliação do processo ao final, exposta em relatório.

A 5ª Semana UEMG realizada em 2017, em formato simplificado, definido pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (COEPE), manteve o propósito de interação da Universidade com a sociedade. Devido à autonomia dada às Unidades Acadêmicas, foi definido o tema “Envelhecimento e sociedade: dimensões socioculturais, políticas e subjetivas”, abordado na programação das ações e como conteúdo de abertura do 12º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Neste artigo pretende-se apresentar aspectos relevantes da experiência interdisciplinar desenvolvida na Unidade

Divinópolis. A experiência demonstra a relação existente entre o ensino e a pesquisa com os projetos e práticas de extensão, bem como a possibilidade de haver interseção entre as áreas do conhecimento.

Trabalho com frentes temáticas

O processo de organização da 4ª Semana UEMG começou em reunião das coordenações de extensão das Unidades Acadêmicas com a equipe da Pró-Reitoria de Extensão da UEMG. Neste momento, houve interação entre os coordenadores e discussões sobre a realidade *multicampi* da Universidade e sobre a relevância do tema “Diversidade e afrodescendência: mediações, interações e (re)conhecimento”, principalmente considerando-se essa capilaridade da Universidade, por alcançar várias regiões do estado.

A proposta concebida pela Pró-reitoria, e debatida entre os coordenadores de extensão, foi compartilhada com a Diretoria Acadêmica e com os coordenadores dos 17 cursos da Unidade. Embora a organização tenha mobilizado diretamente representações de professores e alunos, a ressonância do evento alcançou cerca de 200 professores e mais de 3 mil alunos. A ideia colocada em prática foi a de criar uma base de diálogo entre as áreas de conhecimento para que as atividades fossem concebidas e realizadas por meio de parcerias intercursores, estimulando os alunos a transitarem entre as áreas do conhecimento.

Os encontros da equipe do CIEPP com as representações dos cursos tiveram como resultado a construção de uma metodologia de trabalho sustentada em três frentes de integração dos cursos: Práticas Socioculturais, Práticas Ambientais e Práticas em Saúde. A utilização das frentes temáticas como recurso de integração entre as áreas de conhecimento aguçou o interesse dos professores em apresentar propostas, traduzidas na programação de 136 atividades, além da incorporação das mesas temáticas e apresentação de pôsteres do 11º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão² e 5º Seminário Bolsistas Juniores, evento acadêmico já consolidado na Unidade, desde 2005.

Na abertura da 4ª Semana UEMG, aconteceu a mesa-redonda “Afrodescendência: memória cultural, social e política em Minas Gerais e uma apresentação artística”, resultante da integração entre os cursos de Educação Física (de bacharelado e de licenciatura) e a Agência 3 Mil e Um³, do curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda). A realização dessa mesa-redonda aconteceu em parceria com o Centro de Memória Professora

-
- 2 O Seminário é organizado por um Comitê Científico composto por representantes dos órgãos de ensino, pesquisa e extensão da Universidade e por representantes do corpo docente e discente. Em seu planejamento, tem-se buscado um formato interdisciplinar, de forma a favorecer o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, por meio de mesas temáticas, possibilitando, além da participação do público docente e discente da UEMG Unidade Divinópolis e outras instituições de ensino, o acesso e a participação da sociedade. 11º Seminário de Ensino, Pesquisa, Extensão – total: 200 trabalhos apresentados em mesas temáticas (comunicações) e pôsteres.
 - 3 Os alunos da Agência 3 Mil e Um produziram o vídeo em parceria com os alunos do curso de Educação Física (de bacharelado e de licenciatura) sobre o tema da 4ª Semana UEMG.

Batistina Corgozinho (Cemud), da UEMG Divinópolis, e a Secretaria Municipal de Cultura. Os convidados focaram o tema do evento na perspectiva da cultura e do patrimônio imaterial, com destaque para a memória, a preservação e o registro das tradições. O propósito de realização da mesa foi promover a apresentação de pesquisas relativas ao patrimônio imaterial, às tradições e aos saberes.

A dimensão do evento exigiu a gestão de recursos, também conduzida de forma dialogada por meio de reuniões periódicas entre a equipe de concepção e execução com os profissionais técnicos responsáveis pela execução financeira do recurso. A seleção de alunos bolsistas para atuarem no evento gerou edital e a aplicação de instrumento avaliativo peculiar. Os alunos inscritos elaboraram texto sobre a extensão universitária e o tema da 4ª Semana UEMG. Essa forma de condução favoreceu a escolha de alunos engajados ao tema e ao espírito do evento, desde o início do processo. Construiu-se, por meio dos encontros e reuniões, uma organicidade entre a equipe de profissionais do CIEPP, os técnicos, os alunos estagiários selecionados, os professores proponentes e os alunos apoiadores, comprometidos com a execução das ações programadas.

Houve a preocupação em homogeneizar a compreensão de todos os envolvidos em relação ao tema “Diversidade e afrodescendência: interações, mediações e (re)conhecimento”. A opção foi criar condições de fundamentação desse tema por meio de leitura especializada. O material compartilhado foi uma entrevista de Munanga (2013, n.p.), em que ele mostra como o conceito de raça foi construído

e mostra a persistência da prática racista na transformação dos conceitos.

Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e anti-racistas. Constituem uma bandeira carregada para todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses.

O compartilhamento desse material representou um esforço de provocar uma compreensão mais aprofundada sobre a questão, e a entrevista mostra a construção e o uso dos conceitos relacionados à afrodescendência, situando o papel da academia no debate e na produção de conhecimento.

A decisão de acatar as proposições dos professores, a partir das frentes temáticas, resultou em atividades integral e parcialmente relacionadas ao tema e outras não diretamente relacionadas, mas que expressavam experiências de ensino e extensão coordenadas por professores. Estas

atividades se transformaram em vetores de interlocução da Universidade com a comunidade.

Cabe aqui a identificação de algumas destas atividades, acompanhadas de fotografias, de forma a propiciar uma melhor compreensão do leitor sobre os conteúdos tratados e os formatos de diálogo criados. Dentre as atividades desenvolvidas, cabe salientar a exposição dos trabalhos realizados pelos bolsistas do Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) – Subprojeto Interdisciplinar e alunos da Escola Estadual Victor Gonçalves de Souza, de Itaúna/MG. A partir da análise dos cartuns de Carlos Latuff e da leitura de notícias publicadas nos jornais do Centro-Oeste de Minas Gerais, estudantes do ensino fundamental e do ensino médio produziram charges satirizando a realidade socioeconômica e cultural da região.

No evento, ocorreu também uma roda de conversa com o próprio Carlos Latuff sobre os conflitos relacionados à defesa dos direitos humanos e ao respeito à diversidade no mundo globalizado. Carlos Latuff é um cartunista reconhecido mundialmente por sua posição em defesa dos direitos humanos e, mais especificamente, por seu engajamento na luta pela liberdade e autonomia do povo palestino. O convidado também coordenou oficina de iniciação à produção de charges e cartuns.

Ilustra bem o evento e seu tema de sustentação a realização da oficina “Políticas afirmativas e relações étnico-raciais: gestão de práticas pedagógicas no contexto educacional”.

Por meio desta oficina, buscou-se propiciar ao aluno educador a aquisição de conhecimentos acerca da inclusão no currículo oficial da rede de ensino e da obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”. Nesta atividade, fomentaram-se reflexões a partir de políticas públicas, com foco na temática das relações étnico-raciais e com fundamentação teórica na Lei nº. 10.639/2003, a partir da análise de livros de histórias infantis.

Um conjunto de outras atividades foi desenvolvida, sustentando o tema da 4ª Semana UEMG. Aconteceu uma exposição, no Centro de Artes da cidade, cujo tema foi “Africanidade”. Interessante também foi a oficina “Cultura africana e afro-brasileira: entre máscaras e mandalas, a magia e a beleza”; a roda de conversa sobre brinquedos e brincadeiras africanas; a apresentação do Sarau das Letras, que valorizou a cultura afro-brasileira, e a oficina que tratou da “Diversidade: uma questão de etnia”.

Os resultados foram surpreendentes. A atuação, por meio das três frentes, favoreceu diálogos interdisciplinares interessantes em 136 atividades nas modalidades oficinas, mesas-redondas, palestras, exibição de material audiovisual e exposições. O evento contou com a atuação de alunos de apoio comprometidos com cada uma das atividades. Houve trânsito dos alunos da Unidade nas atividades por meio de inscrições. Desta forma, fronteiras foram quebradas, e houve o estímulo e a demonstração de interesse por abordagens diversas, além do intercâmbio de experiências de extensão, algumas delas resultantes de projetos de pesquisa executados pelos professores.

Ao final, realizou-se a avaliação do evento com os participantes, além da coleta por e-mail dos problemas e sugestões dos professores proponentes de atividades. No geral, avaliou-se que os dois eventos (4ª Semana UEMG e 11º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão) tiveram ressonância significativa no âmbito da Unidade e da sociedade. De acordo com os envolvidos, os eventos criaram uma nova dinâmica de participação entre alunos, professores e técnicos por ter havido, de fato, uma participação horizontalizada e democrática, tanto na concepção como na execução e avaliação das atividades.

Construção de diálogos

A experiência de organização da 5ª Semana UEMG foi diferente da anterior, mas o eixo em torno do diálogo entre o saber científico e os outros saberes, tais como das artes e do senso comum, foi mantido. A interseção entre os cursos ocorreu por meio da elaboração de um plano de trabalho e de uma agenda de reuniões com professores coordenadores de curso, professores representantes dos Núcleos existentes na Unidade (Saúde Coletiva; Meio Ambiente e Sustentabilidade; Estudos para a Diversidade; Cultura, Criatividade e Comunidade), professores coordenadores/bolsistas dos projetos Programa de Apoio à Extensão (PAEx/2016), as agências do curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda) – Multimídia Agência Laboratório e 3 Mil e Um, respectivamente –, a Assessoria de Comunicação e o Diretório Acadêmico.

A proposta definida em perspectiva dialogada foi a de transformar o evento em um espaço de apresentação e de visibilidade dos resultados dos projetos de extensão, de tal forma que pudesse haver um compartilhamento de experiências entre os professores coordenadores, os alunos bolsistas e voluntários com o público destinatário dos projetos.

Figura 1: Show de abertura da 5ª Semana UEMG



Fonte: Arquivo da Assessoria de Comunicação da UEMG
Unidade Divinópolis.

Definiu-se, a partir das reuniões, que os professores coordenadores de projetos, tanto do PAEx como do Programa Interno de Incentivo à Pesquisa e Extensão (PROINPE), seriam acionados para participar da 5ª Semana UEMG. A ideia foi promover a aproximação entre projetos afins e, por meio dessa aproximação, foram pensadas as formas

de interlocução da Universidade com a comunidade, destacando-se o público atendido pelos projetos. Os professores coordenadores poderiam optar por trazer representações de seus públicos para participarem das atividades e discussões na Universidade ou criar situações de levar a discussão até as comunidades.⁴

A abordagem do tema “Envelhecimento saudável: dimensões social e política na contemporaneidade” foi definida após discussão com as coordenações dos cursos. O tema foi tratado em mesa de abertura e teve ressonância pela necessidade de se somar esforços de instâncias governamentais e acadêmicas em prol da velhice digna. Estudos e dados estatísticos mostram a importância de se tratar a questão, que deve se fazer prioritária entre os imensos desafios relacionados à realidade social, política e econômica do país. A realidade atual é de aumento progressivo e acentuado da população adulta e idosa. Esta mudança tem fortes implicações estruturantes e impõe medidas preventivas em saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2015).

4 A cobertura do evento ficou sob responsabilidade da Assessoria de Comunicação, com a participação da Multimídia Agência Laboratório e do Grupo Gabiroba, composto por alunos do 5º período de Jornalismo.

Figura 2: Cartaz do 1º Colóquio Adolescência e Políticas Públicas



Fonte: Arquivo da Assessoria de Comunicação da UEMG Unidade Divinópolis.

Figura 3: Atividade desenvolvida durante o 1º Colóquio Adolescência e Políticas Públicas



Fonte: Arquivo da Assessoria de Comunicação da UEMG Unidade Divinópolis.

Dentre as atividades desenvolvidas, destacou-se a realização do 1º Colóquio Adolescência e Políticas Públicas. O evento foi organizado pela coordenação do Programa Institucional de Extensão – Direitos das Crianças e Adolescentes⁵. A proposta do colóquio foi criar um ambiente de discussão entre professores da UEMG e de outras Universidades – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) – em torno da atuação dos conselhos de políticas públicas, responsáveis pela questão da adolescência, tendo sido pautados os processos de escolarização, além de aspectos que envolvem Adolescência, Saúde e Direito à Escola. O colóquio transformou-se em espaço democrático de discussão do tema, pois contou com a presença de estudantes da educação básica e de jovens atendidos pelo Centro Socioeducativo de Divinópolis.

5 A Pró-Reitoria de Extensão criou seis programas de extensão, que foram definidos a partir da articulação de três aspectos: (I) enfrentamento de questões sociais da vida contemporânea, (II) exploração da natureza *multicampi* e multidisciplinar da UEMG; (III) potencialização de atividades de extensão já em curso nas Unidades Acadêmicas. O Programa Direitos das Crianças e Adolescentes propõe o diálogo com políticas públicas para crianças e adolescentes, seus desafios atuais e impactos nas práticas sociais e nas atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão da UEMG, a partir de diferentes perspectivas. Formação de gestores que atuam com este público e promoção de estratégias que favoreçam o envolvimento e o protagonismo de adolescentes e jovens no debate de questões relativas ao seu tempo de vivências. Identificação, sistematização e publicização de informações sobre os projetos desenvolvidos na UEMG sobre a temática. O colóquio foi organizado pelo professor José Heleno Ferreira, um dos coordenadores desse programa.

Figura 4: Atividade realizada na praça do Santuário, em Divinópolis



Fonte: Arquivo da Assessoria de Comunicação da UEMG
Unidade Divinópolis.

A projeção de filmes, seguida de debate, marcou a programação da 5ª Semana UEMG, cujo conteúdo foi “Envelhecimento e sociedade”. Os filmes tematizados foram **Amor, Nebraska** e **O outro lado da rua**, dentre outros. Aconteceu, também, uma roda de conversa sobre o envelhecimento em Portugal: ações criativas, positivas e comunitárias. A abordagem deste assunto aconteceu em consonância com o tema do 12º Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unidade Divinópolis – VI Seminário de Bolsistas Juniores, cujo tema foi “Envelhecimento e sociedade: dimensões socioculturais, políticas e subjetivas”.

Figura 5: Feira de Trocas



Fonte: Arquivo da Assessoria de Comunicação da UEMG
Unidade Divinópolis.

Interessante como atividade de integração, que mobilizou alunos e professores, foi a Feira de Trocas, momento de exposição de diversos produtos intercambiados entre os participantes. A feira proporcionou um rico momento interativo, além do acesso a produtos de utilidade para os alunos a custo baixo.

Figura 6: Oficina com idosos durante a 5ª Semana UEMG



Fonte: Arquivo da Assessoria de Comunicação da UEMG
Unidade Divinópolis.

A Agenda Cultural do evento ficou sob a responsabilidade do Diretório Acadêmico, que abriu inscrições para proposição livre dos alunos, tendo sido enriquecida por uma diversidade de linguagens artístico-culturais, apresentadas ao longo de toda a 5ª Semana UEMG, em palco instalado no pátio da Unidade.

Conclusões

Entende-se que a Universidade se apresenta como o ambiente em condições mais propícias para o aprimoramento de formas de governança ampliada, por possuir a prerrogativa de posicionar-se aberta ao diálogo com os diversos atores sociais. Por isso, interfere também na governabilidade, ao viabilizar a interlocução entre setores e instituições. “O trabalho essencial da Universidade é interpretar este mundo e, a partir daí, propor modificá-lo” (SANTOS, 2004, p. 171).

A UEMG tem um enorme potencial extensionista, decorrente de sua composição e origem. Pelo fato de democratizar o acesso ao ensino superior público e gratuito, além de penetrar no interior do estado, a Universidade se faz porosa à realidade sociocultural diversa de Minas Gerais. Nesta medida, a UEMG dispõe de potencial singular para atuar diretamente em prol do desenvolvimento regional.

A Semana UEMG, nas versões realizadas, em dimensões diferentes, representa o momento em que a Universidade se desloca inteira em direção à sociedade, levando o

conjunto da produção extensionista. E parte significativa dessa produção é resultado de empenhos de pesquisa, práticas e metodologias de ensino, além de acontecer como um efervescente ambiente de troca de experiências entre professores, alunos e servidores técnicos e administrativos.

Referências

ALVES, Railda F.; BRASILEIRO, Maria do Carmo E.; BRITO, Suerde M. de O. Interdisciplinaridade: um conceito em construção. **Episteme**, Porto Alegre, n. 19, p. 139-148, jul./dez. 2004.

MUNANGA, Kebengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**. Rio de Janeiro, 5 nov. 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1989.

SANTOS, Milton. O intelectual, a universidade estagnada e o dever da crítica. In: MORAES, Dênis de. (Org.). **Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 167-172.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **World report on ageing and health**. Geneva, Switzerland: World Health Organization, 2015.

Ecopedagogia e Ecologia Integral: Curso de Extensão

Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho

Introdução

O curso de extensão em Ecopedagogia e Ecologia Integral foi uma proposta de formação extracurricular, e visou seguir as diretrizes contidas no Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Educação Ambiental. A resolução do MEC nº. 02/2012, em seu artigo 19, ao tratar dos sistemas de ensino e regime de colaboração, nos orienta que os órgãos normativos e executivos dos sistemas de ensino devem articular-se com as universidades e demais instituições formadoras de profissionais da educação, para que os cursos e programas de formação inicial e continuada de professores, que atuam na Educação Básica e na Superior, capacitem para o desenvolvimento didático-pedagógico da dimensão da Educação Ambiental na sua atuação escolar e acadêmica. E, nesse mesmo artigo, o parágrafo 1º afirma que os cursos de licenciatura, que qualificam para

a docência na Educação Básica, devem incluir formação com essa dimensão, com foco na metodologia integrada e interdisciplinar.

O objetivo foi proporcionar aos alunos graduandos dos cursos de licenciatura da UEMG Ibirité, e a quem pudesse interessar, um curso teórico e prático, que incluísse uma metodologia integrada, em quatro módulos, ao longo do ano letivo de 2016. Procurou-se desenvolver com os alunos e membros da comunidade externa os fundamentos teóricos e práticos da Ecopedagogia (GADOTTI, 2000), da Ecologia Integral (GUATTARI, 2009), da Alfabetização Ecológica (CAPRA, 2014) e da Epistemologia Ambiental (LEFF, 2006). A Ecopedagogia visa a uma educação voltada para a sustentabilidade e, nesse sentido, vai além da educação ambiental na medida em que se propõe a discutir princípios teóricos e epistemológicos do processo educativo, com destaque para as relações interpessoais, o respeito às diferenças, o desenvolvimento de habilidades e competências tais como a afetividade, a criatividade, o espírito colaborativo e a conscientização socioambiental da degradação que uma cultura de consumo excessivo e exploração sem limites aos recursos naturais acarreta. Da proposta de uma Ecologia Integral, explicitada pelo filósofo Félix Guattari em sua obra *As três ecologias* (2009), destaca-se o desdobramento de uma ética ecológica que perpassa os níveis pessoal, social e ambiental. Nas palavras desse autor:

O que está em questão é a maneira de viver
daqui em diante sobre esse planeta, no

contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? (GUATTARI, 2009, p. 8-9).

A expressão “alfabetização ecológica”, cunhada pelo físico e educador ambiental Fritjof Capra (2014), sintetiza sua proposta educativa de instigar e provocar o desenvolvimento de uma percepção sistêmica de mundo a partir da “tradução” dos princípios contidos nos ecossistemas, em uma cultura que objetiva a construção de uma sustentabilidade socioambiental. Assim, por exemplo, o princípio natural da interdependência entre os elementos que compõe o ciclo da água pode ser traduzido nos valores “solidariedade” e “atitude cooperativa”, no intuito de se construir uma cultura de sustentabilidade na comunidade antrópica. Ao todo Capra (2014) discorre sobre sete princípios. Por sua vez, a proposta de se discutir uma epistemologia ambiental, tal como apresentada por Enrique Leff (2006), teve o intuito de problematizar, de forma consciente, sobre o legado cientificista de uma racionalidade instrumental e utilitária herdada pelo paradigma da ciência moderna, a qual embasou, substancialmente, a exploração

e manipulação da Natureza de uma forma que, para além dos benefícios do progresso tecnológico, desencadeou um processo irreversível de destruição ambiental. Em contrapartida, é proposto nesta nova epistemologia que:

Esta racionalidade ambiental, na medida em que está sustentada por valores tais como, qualidade de vida, identidades culturais e sentidos da existência, abre-se a um diálogo entre ciência e saber, tradição e modernidade (LEFF, 2006, p. 144).

Com uma preocupação em envolver os graduandos em licenciatura e o público externo, em uma formação complementar, de modalidade extensiva, a proposta do curso de Ecopedagogia e Ecologia Integral vem ao encontro às demandas que o próprio meio ambiente nos coloca, e que é corroborada pelo Parâmetro Curricular Nacional (PCN). A formação superior possibilita uma complementariedade na modalidade extensão, e um curso na temática supracitada contribuiu para a construção de uma transversalidade de modo que impregnasse a prática educativa, criando uma visão sistêmica, onde os aspectos físicos e histórico sociais estivessem interrelacionados. Assim como o desenvolvimento, em cada participante, da capacidade de interrelacionar os níveis local e global.

A Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (UNESCO, 2005-2014), elaborada no Fórum Global para o Desenvolvimento Sustentável (Joanesburgo, 2002), sob a direção da ONU, sugere como principal objetivo a integração dos princípios, valores e práticas do

desenvolvimento sustentável a todos os aspectos da educação e da aprendizagem (UNESCO, 2005). Esse objetivo deve permanecer nas próximas décadas, visto ser um desafio que não foi alcançado na sua totalidade. Uma vez que o conceito de desenvolvimento sustentável e, mais especificamente, de sustentabilidade socioambiental, envolve uma compreensão das relações entre pessoas e entre pessoas e seu meio ambiente, o âmbito da educação, tratado aqui em um sentido amplo como perspectiva de aprendizagem, torna-se o *locus stricto sensu* de uma construção conjunta, de um novo olhar sobre a realidade circundante, que é o ambiente local sem deixar, todavia, de perceber a interdependência desse local com o nosso ambiente maior e global, que é o planeta Terra.

O curso de Ecopedagogia e Ecologia Integral UEMG Ibitaré foi ofertado na modalidade de extensão à comunidade acadêmica e externa. Como toda atividade acadêmica, técnica ou cultural, que não está inclusa como parte integrante e obrigatório do ensino, os cursos de extensão geralmente servem para complementar os conhecimentos numa determinada área, podendo ser muitas vezes multidisciplinares. Objetivam incrementar o currículo do graduando, e incluir mais conhecimento na bagagem de qualquer outro indivíduo pertencente ao público externo. Complementarmente, a proposta de elaboração de uma Agenda 21 Local, até o final do curso, foi feita de forma participativa com todos os cursistas. A “Agenda 21” é um documento na modalidade de acordo protocolar, lançado na ECO92 (ou Rio92, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD – realizada em 1992 na cidade

do Rio de Janeiro), que sistematiza um plano de ações com o objetivo de alcançar o desenvolvimento sustentável. A inovação trazida por essa agenda foi colocar em primeira ordem o que costumava ficar em último lugar quando o assunto era desenvolvimento: o meio ambiente. Composta por quarenta capítulos, a Agenda 21 é um instrumento de planejamento participativo onde se admite de forma explícita a responsabilidade dos governos em impulsionar programas e projetos ambientais por meio de políticas que propõem a justiça social e a preservação do meio ambiente.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, a Agenda 21 Local é um instrumento de planejamento de políticas públicas que envolve a sociedade civil e o governo em um processo amplo e participativo de consulta sobre os problemas ambientais, sociais e econômicos locais, e o debate sobre soluções para esses problemas através da identificação e implementação de ações concretas que visem o desenvolvimento sustentável local.

Para o governo brasileiro, a construção da Agenda 21 Local vem ao encontro da necessidade de se construir instrumentos de gestão e planejamento para o desenvolvimento sustentável. O processo de Agenda 21 Local pode começar tanto por iniciativa do poder público quanto da sociedade civil. De fato, a Agenda 21 Local é um processo e um documento de referência para Planos Diretores e orçamentos municipais, entre outros, podendo também ser desenvolvida por instituições escolares, comunidades rurais e em diferentes territorialidades tais como bairros, áreas protegidas e bacias hidrográficas. E reforçando ações

dos setores relevantes, a Agenda 21 na escola, na empresa e nos biomas brasileiros é uma demanda crescente, cuja maioria das experiências existentes têm-se mostrado muito bem-sucedidas.

Dada a importância da construção de uma agenda 21 local, surge como plano de trabalho a Agenda 21 Local, na UEMG Ibirité.

Metodologia

Destaca-se, portanto, que um dos principais objetivos do curso de extensão em Ecopedagogia e Ecologia Integral foi proporcionar ao público acadêmico e externo uma formação teórica e prática, com abordagem multimetodológica.

O curso foi estruturado em quatro módulos no total de 80 horas/aula. O módulo I, “Alfabetização Ecológica”, teve como conteúdo o histórico da problemática ambiental e a apresentação dos princípios contidos no modo de organização dos ecossistemas, os quais, segundo Capra (2014), podem e devem ser traduzidos em valores para a construção de sociedades humanas sustentáveis, em outras palavras, para a construção de uma cultura voltada à sustentabilidade. Dois aspectos decorrentes dessa perspectiva teórica merecem destaque. Primeiro, a ideia básica de que tudo na Terra funciona em sistemas, compreendendo sistema como o padrão básico de organização da vida. Explicitamente, a matéria percorre redes de interdependência, em ciclos constantes movidos pela

energia do sol (CAPRA, 2014). Segundo os princípios organizacionais dos ecossistemas, ao serem “traduzidos” em valores para o embasamento de uma cultura de sustentabilidade, apontam para uma visão de mundo e de ciência não mais antropocêntrica, visto que, ao revés da tradição científica, não é o homem que ensina e molda a natureza, mas, sim, esta que lhe fornece as verdadeiras chaves de uma percepção da realidade, tais como as noções de redes, ciclos, parcerias, diversidade, equilíbrio, entre outras.

Com o intuito de ampliar a percepção ambiental dos cursistas, assim como a conscientização da relação de cada um com o meio ambiente, foram aplicadas técnicas como a “travessia do lugar” e a elaboração de mapas mentais, produzindo, ao final, uma escala da percepção de cada um que variava entre “nenhuma interação com o meio”, “pouca interação com o meio” e “muita interação como o meio”. Dessas atividades obteve-se o resultado de 90% ao apresentarem “pouca interação como o meio”. Ainda no módulo I foi aplicada a técnica do diagnóstico participativo denominada Biomapa, em que, com a participação de um professor de ecologia convidado, todos puderam desenhar o “mapa” natural e construído do espaço onde a Universidade se encontra, ao qual correspondem vários prédios com salas, laboratórios, administrativo, refeitório, banheiros, auditório e o entorno com um amplo espaço de área verde e um paisagismo exuberante, além de um horto com diversas mudas de árvores nativas e uma holambrinha, contendo também diversas mudas de plantas ornamentais. O espaço, por ser em parte aberto, com ruas que o atravessam, também possui um córrego e uma ponte, para que os

veículos possam circular. Dessa atividade, iniciaram-se os apontamentos de desafios que precisavam ser trabalhados na conscientização socioambiental. O Módulo I finalizou com uma Oficina de *Slow Food*, intitulada “A arte de fazer o pão”, em que foram feitos diversos pães integrais pelos participantes e discutidos princípios do movimento “slow food”, em contraposição ao predomínio do “fast food” em nossa cultura. A alfabetização ecológica passa, primeiramente, pela mudança pessoal de comportamento rumo a atitudes conscientes em todos os sentidos, da alimentação à reciclagem do lixo.

No módulo II, foram abordados os princípios da Ecopedagogia, além dos princípios dos jogos colaborativos. Compreendendo a Ecopedagogia como uma pedagogia voltada para a educação socioambiental e considerando que o desdobramento dessa proposta aponta para uma postura de ampliação das habilidades e competências, voltadas para as relações e para a re(descoberta) do sentido e da vida, destaca-se a retomada do debate de algumas categorias, tais como o imaginário, a curiosidade, a tolerância, a acolhida, o diálogo, a ação comunicativa, a empatia, o cuidado, entre outras (GADOTTI, 2000). Com esses fundamentos, foram realizadas oficinas de jogos colaborativos, uma com professora convidada, outra para a criação de novos jogos pelos cursistas e, uma terceira, como atividade final com o criador do “Jogo da Carta da Terra”, realizada em um parque no município de Belo Horizonte/MG. Compreende-se que, se as crianças não forem treinadas para ganhar nos jogos, para serem sempre as vencedoras e triunfarem, haverá uma grande redução

dos conflitos (MACGREGOR, 2005). O desenvolvimento de habilidades colaborativas caminha junto com a construção conjunta de uma cultura sustentável.

No Módulo III, ministrado pelo diretor do Centro de Ecologia Integral (CEI), foram abordados os princípios da Ecologia Integral. Integrando, nesta perspectiva, as dimensões pessoal, social e ambiental, a ideia que subjaz é a da reconstrução de uma visão de mundo e de uma percepção de si, do outro e do meio ambiente, tanto natural como construído, a partir da constatação de que existe uma conexão entre essas três dimensões. Portanto, uma ecologia pessoal envolve o autorrespeito, o autocuidado, mudanças de atitudes que incorporem o consumo consciente e o desenvolvimento de valores menos materialistas. Uma ecologia social aponta para um comportamento voltado para o coletivo, tanto humano quanto das outras espécies, visando o respeito às diversas formas de vida, respeito às diferenças de opiniões e de existências, buscando acabar com a cultura da violência, do consumo exacerbado e da competitividade. Uma ecologia ambiental vem integrar as duas primeiras, na medida em que a Terra é, antes de tudo, a nossa casa, dos humanos e não-humanos e, para tanto, deve ser cuidada e respeitada *per si*:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às

relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (GUATTARI, 2009, p. 8).

As atividades realizadas nesse módulo procuraram desenvolver esta sensibilidade multidimensional. Foi feita uma oficina de Mandalas junto a uma meditação Taoísta, para se desenvolver o aspecto da Ecologia pessoal. Do equilíbrio entre as formas ao equilíbrio interior. Foi discutida a temática da Educação para o “consumo consciente”, com documentários que mostravam o contraste entre a produção em escala mundial de grifes famosas a baixo custo e condições precárias e, às vezes, subumanas de trabalho nos países periféricos, e o *glamour* do mundo da moda, ou mesmo os excessos de superficialismo da narcísica sociedade do espetáculo. Realizou-se, ainda, uma visita técnica a uma feira agroecológica “Feira Terra Viva”, situada no município de Belo Horizonte/MG. Nessa visita, que contou com relatório técnico, os cursistas puderam ver de perto a diversidade de produtos que podem ser feitos pela via da agricultura urbana, pelo pequeno produtor, além da proposta saudável de se trabalhar com os alimentos. O Módulo III finalizou-se com uma aula assistida, ministrada por uma professora convidada sobre o tema “Reaproveitamento de resíduos”, na qual foi feito, conjuntamente, ao final da aula, um bolo de banana com casca.

Por fim, no Módulo IV, foram abordados os princípios da epistemologia ambiental, que, em síntese, propõe a suplantação da racionalidade técnica instrumental por uma racionalidade dita ambiental:

A construção de uma racionalidade ambiental demanda a transformação dos paradigmas científicos tradicionais e a produção de novos conhecimentos, o diálogo, hibridação e integração de saberes, bem como a colaboração de diferentes especialidades, propondo a organização interdisciplinar do conhecimento para o desenvolvimento sustentável (LEFF, 2006, p. 162).

Foi realizada uma atividade integrada com um grupo de pesquisa da Universidade, que foi a participação em uma oficina de minhocário. Como atividade avaliativa deste último módulo, uma visita Ecopedagógica foi realizada no sítio de permacultura SETE ECOS, situado no município de Sete Lagoas/MG. Finalizou-se o último módulo com a apresentação, pela aluna bolsista do projeto, da proposta de elaboração de uma Agenda 21 Local, construída conjuntamente com todos os participantes do curso. Houve a entrega dos certificados de conclusão do curso.

Procurou-se desenvolver, ao longo da capacitação, aulas teóricas e práticas, abordando técnicas do Diagnóstico Participativo, estudos de Percepção Ambiental, jogos colaborativos e vivências. Os estudos de percepção ambiental foram realizados por meio da técnica “travessia do lugar/ mapas mentais”, que consiste em uma metodologia qualitativa em que os aspectos subjetivos do indivíduo se destacam por meio de sua percepção em relação ao meio. A partir dos dados obtidos, elaborou-se uma escala em três níveis, caracterizados como “distantes da realidade”, “intermediário” e “próximo da realidade”. Dos 9

mapas analisados, 7 foram considerados “distantes da realidade”, e apenas dois se encaixaram no nível “próximo da realidade”, permitindo avaliar que a maioria dos cursistas revelou uma percepção de pouca interação com o meio ambiente. A técnica do Diagnóstico Participativo, denominada “Biomapa”, consistiu em uma construção conjunta do mapa do espaço, interno e externo, utilizado pela UEMG Unidade Ibirité. Tanto a escala de “mapas mentais”, quanto o “Biomapa”, foram elaborados de forma participativa, após a utilização da técnica denominada “travessia do lugar”, ou seja, um passeio guiado a diversos lugares que compõem o *campus*. A elaboração do Biomapa possibilitou a visualização de algumas demandas socioambientais locais, expressas de maneira sistematizada, por meio de outra técnica participativa denominada “Árvore de desafios”. Foram detectados dez principais desafios socioambientais pelos cursistas: córrego poluído; alto índice de proliferação do mosquito *Aedes aegypti*; ausência de reciclagem de papel; dificuldades no compartilhamento do espaço entre a UEMG Unidade Ibirité e a Fundação Helena Antipoff (FHA) (ambas instituições funcionam no mesmo espaço, sendo parte deste espaço cedido pela FHA à UEMG, e parte do terreno compartilhado); necessidade de maior divulgação e interação com a comunidade externa; falta de *xerox* dentro do *campus*; descarte do óleo de cozinha; destinação do lixo, que já conta com coleta seletiva dentro do *campus*; ausência de um restaurante universitário e precariedade na manutenção dos laboratórios de pesquisa. Após este primeiro diagnóstico, foi elaborado um “Diagrama de Venn”, técnica participativa com o intuito da busca de parcerias que pudessem cooperar na solução

dos problemas levantados. Foram apontados como parceiros potenciais a Fundação Helena Antipoff, docentes da Unidade que executam projetos ambientais e/ou socioambientais, o Centro de Ecologia Integral (CEI), a Prefeitura de Ibirité e a Petrobrás.

O diagnóstico dos projetos socioambientais desenvolvidos na UEMG Unidade Ibirité veio agregar a proposta da Agenda 21 Local, na medida em que a Unidade desenvolve diversos projetos de cunho socioambiental, tais como os estudos da biodiversidade em quintais, uso de compostagem em hortas orgânicas, educação para posse responsável de animais em Ibirité/MG e jardins suspensos de plantas medicinais para o combate ao *Aedes aegypti*, entre outros.

Resultados

O curso de extensão Ecopedagogia e Ecologia Integral obteve como resultado a formação de nove cursistas, incluindo as comunidades interna e externa da Universidade, além da participação de servidores públicos em alguns módulos. As diversas atividades fora do ambiente Universitário agregaram na formação dos cursistas e foram todas vistas como um resultado positivo no aprendizado, em campo, dos temas teóricos abordados durante o curso. A visita ao sítio de permacultura SETE ECOS, na Serra de Santa Helena, município de Sete Lagoas/MG, no qual passou-se um dia inteiro. O dono do sítio e coordenador dos projetos ali executados ensinou sobre captação de água da chuva para a construção de

reservatórios naturais, galinheiros móveis que auxiliam no cultivo da terra, banheiro seco e telhado vivo. Além das técnicas de permacultura, que respeitam a diversidade da flora no cultivo de multiculturas e na preservação das matas nativas. A visita ao Sítio foi uma oportunidade de observar e apreender um estilo de vida mais integrado nos movimentos da própria natureza, o que produz, entre diversos benefícios, uma vida mais autossustentável e com mínimo impacto ambiental.

A oficina do Jogo da Carta da Terra, realizada no Parque das Mangabeiras, com um dos criadores do jogo, oportunizou-nos a momentos de interação social e com a natureza, além do aprendizado dos princípios da Carta da Terra em um jogo colaborativo, no qual todos os participantes, em conjunto, deveriam contribuir para o alcance dos objetivos, alcançando o equilíbrio dos ecossistemas. Dessa atividade assimilou-se a importância das atitudes colaborativas, além da consciência do impacto das ações sociais no meio natural. Da visita à feira de agroecologia Terra Viva, no bairro Floresta, em Belo Horizonte, foram feitos diversos contatos e possíveis parcerias futuras, donde se aprendeu, além do conhecimento da produção sem agrotóxicos e com produtos naturais o alimento, cosméticos, repelentes e arte e artesanato, a riqueza de se trabalhar em rede.

Outros resultados obtidos em forma de produto foram a construção de uma página no Facebook, para divulgação do Curso, publicação de fotos das atividades e eventos e postagens de conteúdos pertinentes às temáticas

abordadas e a elaboração de material didático, na forma de apostilas em todos os módulos.

Tanto o objetivo de execução do curso de extensão quanto a proposta de elaboração da Agenda 21 Local foram alcançados. Com o destaque para a primeira ação da Agenda 21 Local que, no ano seguinte, foi implementada na UEMG de Ibirité, em parceria com a FHA e com projetos extensionistas de cunho socioambiental de outros docentes, com a proposta inicial de se fazer a redução no consumo de copos plásticos, papel, energia e água, além da gestão sustentável dos resíduos pela revitalização da coleta seletiva do lixo, do envio dos papéis descartados para uma associação de catadores de papel, ASPRATI, da substituição gradual dos copos descartáveis por canecas, entre outras ações que se pretendem contínuas.

Considerações finais

A Ecopedagogia propõe um conceito que consegue relacionar o local com o global. É o conceito de cidadania planetária, que requer de nós o reconhecimento de que somos parte da Terra e de que podemos perecer com a sua destruição ou podemos viver com ela em harmonia, participando do seu devir (GADOTTI, 2000). Com uma perspectiva holística, na busca da aquisição de valores tais como solidariedade e respeito ao próximo, às gerações presentes e futuras, à diferença e à biodiversidade, a Ecopedagogia caracteriza-se pelo desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de encontrar solução

para os problemas; pela multiplicidade de métodos e por estimular o processo participativo na tomada de decisão; por ser aplicável e por estar estreitamente relacionado com a vida local (UNESCO, 2005). Segundo Gadotti (2000), os holistas sustentam que a utopia e o imaginário são instituintes da nova sociedade e da nova educação. Recusa-se, assim, uma ordem fundada na racionalidade instrumental, na medida em que menospreza o desejo, a paixão, o olhar, a escuta. Nesta perspectiva de uma educação do futuro, a ecopedagogia é uma pedagogia para a promoção da aprendizagem do *sentido das coisas a partir da vida cotidiana* (GADOTTI, 2000, p. 80). É, portanto, democrática, solidária, relacional e, sobretudo, uma pedagogia ética, uma “ética universal do ser humano”. Compreendendo-se, aqui, a ética como a própria essência do ato educativo.

Como aspecto complementar, a proposta da Ecologia Integral é expandir a ética ecológica, de respeito ao meio ambiente, às dimensões pessoal, social e ambiental. Segundo Guattari (2009), as formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender a problemática socioambiental no conjunto de suas implicações. Isto se dá porque ainda se encontram submersos em uma visão tecnocrática, tendo como resultado uma conscientização apenas parcial. Na sua opinião, somente uma articulação ético-política, a qual denomina “ecosofia”, poderia esclarecer convenientemente tais questões. O conceito ecosofia é, portanto, um convite à abertura da consciência entre os três registros ecológicos, o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana (GUATTARI, 2009).

Ao ampliarmos a nossa percepção de mundo, considerando-nos como integrantes do ambiente, não somente construído, mas também o natural, estaremos mais interessados em cuidarmos de nós mesmos e também do mundo que nos circunda. Em outras palavras, estaremos mais habilitados para compreender o inter-relacionamento de problemas tais como pobreza, consumo predatório, degradação ambiental, deterioração urbana, saúde, conflitos e violação dos direitos humanos (UNESCO, 2005).

O esforço de se trabalhar e contribuir para a mudança de valores e percepção de mundo, de modo que impactem em ações conjuntas de sustentabilidade deve ser contínuo, visto ser um desafio permanente. Ademais, pode-se afirmar, através de Leonardo Boff (2011) que “Sem uma educação sustentável, a Terra continuará apenas sendo considerada como espaço de nosso sustento e de domínio técnico-tecnológico, mas não será o espaço de vida, o espaço do aconchego, de ‘cuidado’” (BOFF, 2011, p. 57).

Sobre o projeto

Projeto de Extensão aprovado em Edital nº. 01/2016 – PAEX/UEMG, Programa de Apoio à Extensão, vinculado à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Executado sem financiamento, com recursos próprios e apoio da Fundação Helena Antipoff (FHA). Contemplado com uma bolsa para aluna, que assessorou na organização do Curso e apresentou a proposta de futura Agenda 21 Local.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, MEC, 2012.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Agenda 21 Global**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BOLEIZ Junior, Flávio. **A Ecopedagogia enquanto marco ético para o cotidiano escolar**. São Paulo: Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://homologa.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/FlavioB.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRUNDTLAND, Gro Harlem (org.). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, Relatório da Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1988.

CASCINO, Fábio Alberti. **Educação Ambiental: Princípios, História, Formação de Professores**, 3ª ed. São Paulo: SENAC, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius; COHN-BENDIT, Daniel. **Da ecologia à autonomia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DEMO, Pedro. **Participação e meio ambiente: uma proposta educativa preliminar**. Distrito Federal: SEMA, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

GORE, Albert. **A Terra em balanço**: ecologia e o espírito humano. São Paulo: Global, 2008.

GATTARI, Félix. **As três ecologias**. 20ª ed. Campinas: Papirus, 2009.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOVELOCK, James. **Gaia**: um novo olhar sobre a vida na Terra. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987.

MACGREGOR, Cynthia. **150 Jogos Não-competitivos para Crianças**. São Paulo: Madras, 2005.

MATSUSHIMA, Kazue (Coord). **Guia do professor de 1º e 2º Graus**. CETESB – Série Educação Ambiental. São Paulo: CLY, 1987.

MEADOWS, Donella. **Os limites do crescimento**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola**: por uma educação ambiental pós-moderna. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (org.). **Alfabetização Ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

UNESCO. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014**: documento final do plano internacional de implementação. Brasília: UNESCO, OREALC, 2005.

Este volume compõe a Coleção Comemorativa dos 30 anos da UEMG produzida em dezembro de 2019 pela Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais – EdUEMG.

O texto foi composto em Source Sans Pro, desenvolvida por Paul D. Hunt, e as aberturas de capítulo em Montserrat, de Julieta Ulanovsky.

Para obter mais informações sobre outros títulos da EdUEMG, visite o site: eduemg.uemg.br.